

O BUDDHAISMO

À medida que progride a pesquisa scientifica desvanece cada vez mais a auctoridade do Evangelho, mesmo para aquelles espiritos que ainda se apegam ao christianismo, como doutrina salvadora nos conflictos que nascem da lucta da razão contra a crença. Como Leibnitz e Kant, Fichte e Schelling, Hegel e Schleiermacher, Weisse e Lotke que, não obstante as duvidas que articulavam, obedeceram todos ao «imperativo categorico» e não cavaram abysmo invadeavel entre a sciencia e o christianismo, ha outros muitos pensadores, que embora reneguem da especulação metaphysica, mantêm-se no ponto de vista do dualismo, apegando-se ás chamadas «verdades fundamentaes» do christianismo. Estes mesmos, porém, já não crêem na revelação e consideram a Biblia uma simples mythologia christã. Para esse resultado contribuíram muito os estudos criticos de Strauss e Renan sobre o Christo historico; ainda mais importantes se me afiguram, porém, os recentes trabalhos de morphologia religiosa, iniciados por Max Müller, que deixam fóra de duvida a influencia dos mythos buddhaistas sobre a elaboração do Evangelho. Depois de trazer Grimblot (em 1865) para a bibliotheca de Paris as 14:000 folhas de palmeira com uma cópia exacta dos livros sagrados do buddhaismo e depois de publicados os *Sacred Books of the East* por Max Müller, adquiriu o mundo scientifico conhecimentos taes da mythologia indiana, que não podiam deixar de desafiar a comparação com os Evangelhos, tanto mais quanto certos pontos de contacto entre os mythos de Buddha e de

Christo ferem a vista menos prevenida. Ultimamente prestou Rudolfo Seydel relevante serviço com o seu volume de *Estudos comparativos do Evangelho de Christo com o mytho buddhaista e a doutrina de Buddha* (Leipzig, 1882); e, foi a leitura d'esse livro que me inspirou o desejo de familiarisar o publico brasileiro um pouco com a doutrina buddhaista, certo de que basta a leitura do resumo que vou fazer, para levar a todo o espirito desprevenido a convicção que a tradição buddhaista imprimiu o seu cunho á redacção do Evangelho em épocas posteriores á vida do philosopho de Nazareth.

Buddha (aquelle que acordou), tambem chamado Bhagavat (o eximio) ou Tathagata (o excellente), é um ente divino que surgiu na terra sob humana fórma para a salvação de todos, apagando todos os males da vida. Antes d'elle houve, em épocas mui longiquas, outros Buddhas, que tambem desceram á terra; este, porém, que é o fundador do actual buddhismo (d'essa religião que ainda hoje professa a terça parte do genero humano), chamavase, como homem, Siddhartha ou Sarrartha-Siddha, isto é, « o cumprimento do desejo », e nasceu como filho do rei Suddhodana de Kapilvastes na India boreal, descendendo da estirpe dos Sakyas, que tambem se chamavam Gotama. No céo dos deuses, onde reinava eterna alegria, pré-gava elle, á direita de Brahma, as verdadeiras doutrinas da Lei, quando por Brahma lhe foi confiada a missão de descer á terra e tornar-se redemptor do genero humano, que jazia nós vinculos de Maras, do mau espirito dos gozos sensuaes. Concertando com os immortaes o modo da sua entrada no mundo terrestre, escolhe elle a figura de um joven elephante branco, e para mãe designa a virtuosa Maya, virgem esposa do rei Suddhodana. Maya é a incarnação da belleza e bondade feminis; é piedosa e pura entre as mais puras. Obedecendo á ordem dos deuses recolhe-se ella em completo isolamento ao seu palacio de verão, e as nymphas divinas adejam em redor d'ella cantando: « Qual será a pura donzella que carregará em suas entranhas o encantador, o puro, o divino Buddha? » E eis que em sonho lhe apparece a figura do joven elephante branco, e ella concebe o Deus em suas entranhas. A joven rainha, Maya a pura, que ainda nunca fôra mãe, recebe da sagrada bocca de um brahmane a interpretação do seu sonho: « Vaes gozar a suprema alegria! Nascerá de teu ventre um filho, cujos membros serão revestidos de signaes mui significativos, um nobre descendente de real estirpe, um magnanissimo Rei dos reis. Quando deixar sua alegria, seu reino e sua residencia, para entrar, por amor sómente dos mundos, no estado dos Santos, tornar-se-ha digno do sacrificio dos tres mundos e será Buddha, que dará salvação a todos os mundos pelo doce alimento da immortalidade! »

Abramos um parenthesis: Maya não é Maria? Buddha não é Christo? Não ha alli a scena da annunciação? O joven elephante branco não representa a pomba do Evangelho? Nem mesmo faltam a estrella annunciadora da Boa-nova, nem a adoração dos Reis. Vejam os leitores: No céu é prenunciado o nascimento de Buddha pela junção da constellação Puschya com a Lua. Visitas que o adoram recebe o divino menino já antes do nascimento: Brahma, o maior de todos os deuses dos indios, o presenteia com uma gota d'orvalho, que encerra em si todas as forças do mundo, e depois do seu nascimento vêm deuses, nymphas divinas, reis e sacerdotes com seus donativos, prostrarem-se ante a creança para adoral-a; incenso e nardos lhe são offerecidos pelos que se prostram em adoração. Córos de celestiaes anjos annunciam em canticos a missão redemptora do menino: « Fugiu o mal, reina a paz na terra, a felicidade é bem commum, nasceu o Redemptor dos mundos! »

E desce do Himalaya o brahmane Asita, que ouvira os canticos dos córos celestiaes; é um velho que mal pôde arrastar-se, mas quer vêr o menino, e ao vê-lo reconhece n'elle o redemptor, exclamando: « Este menino será Buddha, o redemptor que vae levar os homens á immortalidade, á liberdade, á luz! »

O rei da terra Magadha, que era destinada para theatro principal da actividade de Buddha, envia gente sua por todo o paiz para saber se é real que acaba de nascer alguém que possa pôr em perigo o seu reino. E os enviados ouvem a nova do nascimento do filho de Suddhodana e vêm a saber que os brahmanes que lhe tiraram o horoscopó, annunciaram que o menino reinaria sobre o universo se ficasse na vida mundana, e se deixasse a vida mundana viria a ser Buddha. E portanto aconselharam os enviados ao rei que enviasse gente armada, para livrar-se d'essa creança. Mas o rei Bimbisara não se parece com Herodes, pois que responde aos enviados: « Se o menino vier a governar o mundo, iremos gosar de paz e alegria sob o seu reinado; e, se vier a ser Buddha, devemos constituir-nos seus discipulos! »

Os anciãos da estirpe dos Sakyas exigem do rei que o menino seja levado ao templo á presença dos deuses. O menino sorri-se e recorda-lhes que no céu o serviram e o adoraram os deuses e que elle proprio é o Deus dos deuses. Levam-no entretanto ao templo e alli descem as imagens dos deuses de seus pedestaes, beijam os pés ao menino e entóam um hymno de louvor a Buddha. E o menino vae crescendo; um dia, passeando em vasto matto com suas aias, perdera-se. O pae, cercado de gente, vae procural-o cheio de cuidados: acham o menino sentado á sombra d'uma arvore, cercado de santos prophetas de passados tempos, perdido em profunda contemplação e com o espirito ausente em celestiaes regiões.

Conscio da sua missão desde os mais tenros annos, mostra-se o menino versado em todo o saber, sem lhe ser jámais ensinado, e aos que querem examinal-o dá lições de sabia moral e interpretação das sagradas escripturas. (Vid. Christo e os doutores no templo). Sua mocidade passa-se em meio da luxuosa vida do real palacio, da qual só externamente partilha: elle comprehende a miseria da vida humana e a sorte de um mendigo, que vive contente, porque não tem necessidades, o leva a abandonar seu reino e todos quantos lhe pertencem, para procurar a salvação de todos no retiro e na renuncia total dos mundanos prazeres.

E pois busca em primeiro logar os sabios do seu povo, os brahmanes, mas não o satisfazem suas explicações, e pelo contrario são elles que recebem lições de sua joven bocca. Como discipulos do mais sabio dos brahmanes abandonam este e seguem Buddha, que agora se dirige ao deserto, ás margens do Nairanjana, onde quer entregar-se á penitencia da fome; comprehendendo, porém, que essa penitencia tambem não é o verdadeiro caminho da salvação, torna a tomar alimento e os fanaticos discipulos o abandonam. Buddha prepara-se para deixar o deserto, porém primeiramente entra nas aguas do Nairanjana; o céu se abre e milhares de anjos (filhos dos deuses) adejam ao redor d'elle e despejam sobre elle uma chuva de flôres e de pós d'aloë e de sandalo. Buddha se dirige então a Bodhimanda, onde á sombra de uma figueira deve receber illustração plena e a sagração de sua missão. Alli se lhe aproxima Mara, o tentador, acompanhado das forças do inferno, armados com chammas, serpentes e immensas pedras, com que o ameaçam: mas o filho de Brahma expõe-se sorrindo á sua aggressão e quando lhe arremessam os seus projectis, se transforma tudo em grinaldas de flôres e em resplandecente aureola para o santo. Então Mara, o espirito do mal, o convida a adoral-o; Buddha nem sequer se digna de responder-lhe. Mara lhe offerece o governo do mundo inteiro, se quizer renunciar á sua missão, mas Buddha o recusa, dizendo: « Bem sei que me espera um reino, mas não é d'este mundo; eu vou ser Buddha e todo o mundo me acclamará cheio de jubilo! » Mara traz então em seu auxilio suas filhas, as divinas nymphas, que cercam Buddha e querem seduzil-o, mas elle as afugenta com citações dos sagrados livros. Mara faz mais um esforço, mais uma vez procura atemorisar o Santo com suas forças infernaes, mas Buddha o repelle e afinal confessa-se Mara vencido e exclama: « Acabou-se meu reinado! »

Tendo ficado só, entrega-se o Santo a uma longa e profunda meditação e n'este estado de contemplação completa, o illumina afinal o espirito de Brahma e elle recebe sua suprema sagração de Buddha. O céu se abre e os côros celestiaes celebram sua nova

dignidade. A primeira acção de Sakyamuni (porque assim se chamará d'or'ávante «monge da estirpe de Sakya») é a conquista, para discipulos, de dous irmãos que passavam com uma caravana, conquista realisada ainda á sombra da figueira. (Vid. S. João I, 49). E depois entôa Buddha um hymno de louvor :

« Abençoada seja a solidão do feliz, que reconheceu a verdade e a enxergou! Abençoada seja a extincção do mal no mundo, a abstenção de tudo quanto vive, a isenção de todo o gozo sensual, a victoria sobre todos os desejos, a elevação acima da ideia do proprio *eu*. E eu vos digo, esta é a unica e verdadeira bemaventurança! » E tendo vencido as ultimas duvidas, entra no desempenho de sua missão, que vae conduzil-o de novo ao meio dos homens, dirigindo uma allocução a Brahma :

« Estão abertas as portas da immortalidade para todos quantos têm ouvidos para ouvir. Dae-lhes, ó Brahma, a fé para que possam entrar! Sem temor dos perigos da missão, vou annunciar aos homens a boa, a santa lei! »

Benares, a velha cidade dos brahmanes, é a primeira estação de sua missão; ahí encontrou Sakyamuni de novo os cinco discipulos, que o haviam abandonado e que tornam agora a segui-o. Diariamente cresce o seu successo: de cidade em cidade percorre toda a Índia e prefere, para a reunião dos seus discupulos, os cumes das montanhas, principalmente a de Radsahagriha na terra Magadha, ou reune os seus discipulos nas hortas que lhe são offerecidas. Ás vezes interrompe sua actividade para retirar-se á solidão ou se conserva durante semanas em profundo recolhimento. Além d'aquelles cinco discipulos, tem elle dous que são preferidos, Sariputra e Mandgalyayana, que entretanto morrem antes do mestre e são substituidos por Kasyapa e Upali, os quaes, depois da morte de Buddha, dirigiram a propaganda em nome d'elle. Kasyapa (o S. Pedro do christianismo) preside em nome de Buddha o primeiro concilio, que se reune para firmar a nova doutrina. As fontes mais antigas fallam em dez discipulos, outras fallam em sessenta (á semelhança do Evangelho christão, que tambem eleva o numero dos apóstolos de doze a setenta); a apuração nominal, porém, dá doze discipulos, exactamente como os de Christo. Um parente de Buddha, que sempre invejou a sua gloria, introduz-se no numero dos discipulos e procura trahil-o (como Judas), buscando até tirar-lhe a vida, sem que o consiga, suicidando-se afinal.

O modo de doutrinar, adoptado por Sakyamuni é o da conversação religiosa ou da immediata revelação, servindo-se de preferencia de parabolos. Muitas d'essas parabolos recordam pronunciadamente parabolos do Evangelho como as do servo fiel, do filho prodigo, do sementeiro, da preciosa perola, da libra enterrada, do

cego de nascimento. Ha tambem imagens que surpreendem o leitor pela homogeneidade com imagens usadas por Jesus : O sol luz para os bons como para os maus, a chuva é derramada sobre justos e injustos ; os brahmanes são descriptos como uma fila de cegos, o que recorda a palavra da « escada de cegos » applicada por Christo aos phariseus. Ha tambem certas orações que a miudo se reproduzem e que recordam a linguagem dos Evangelhos, como sejam : « Quem tem ouvidos para ouvir », ou « na verdade vos digo », etc.

A vida externa de Buddha correspondia á sua missão ; renunciando a tudo quanto é goso, só tinha em vista a salvação : a pobreza, o celibato, a falta do domicilio eram os meios e os signaes da missão, justamente como se deu com Christo. Quem tiver de seguir Buddha deve abandonar os proprios paes. É por isto que sua palavra, como a de Christo, encontrou echo nos peitos dos miseros, dos precitos, dos que soffrem. É a elles que se dirige, promettendo-lhes em delicias espirituaes o equivalente do que perderam em goso na terra ; é mil vezes mais facil que o pobre e o misero gose da bemaventurança, do que o rico. A misericordia, o amor do proximo é o motivo intimo, unico de sua actividade : « Quero encher de alegrias todos os seres cujos corpos soffrem, quero firmar na bemaventurança os atribulados. » E em outro logar : « Vós sois meus filhos, eu sou vosso pae ; por mim fostes remidos de vossas dôres ! » É assim que Buddha define sua missão na terra e outra linguagem não fallou Christo. A peccadora Ambapali, que o hospeda e se senta aos seus pés ouvindo suas unguidas fallas sobre a vida santa, elle a estima mais do que os grandes e poderosos que disputam entre si as suas relações ;— ainda Christo e Magdalena.

Assim consegui Buddha em breve enorme successo ; os principes e os reis buscam a sua amizade. Ao celebrar sua entrada na esplendida capital Radgagriha pergunta a multidão : « Quem é este ? Nunca d'antes se viu homem igual ! » Uns dizem que é o Deus da lua, outros que é o Deus do amor, ainda outros que é Indra ou Brahma em pessoa ; os seus discipulos, porém, riem-se d'essas supposições e proclamam-n'o « o admiravel mestre do mundo e filho do Deus vivente. » (Vid. S. Matheus xvi, 13 e seguintes). Milagroso como nascera, assim se conserva toda a sua vida, praticando milagres, omnipotente e omnisciente. Elle conhece os pensamentos de todos e só pergunta por fórma, sem necessitar de resposta. O espaço, o tempo, a materia não lhe servem de obstaculo. Elle manda ás aguas e ellas retrocedem ; elle passa o Ganges por cima das aguas, justamente como Christo. Seus milagres são contados por milhares ; mesmo antes de nascer curava as enfermidades das pessoas em quem sua mãe gravida punha as mãos. Iguae milagres correspondem ao seu nascimento, de sorte que os brahma-

nes, adorando o menino, cantam: «Os cegos vêem, os surdos ouvem, os alienados recobram a razão, todos os doentes saram! Elle é o rei da salvação!»

Durante 45 annos viveu Buddha, espalhando suas doutrinas. Quando sua morte se aproxima, seus discipulos se lamentam e querem retê-lo; mas elle parte transferindo-lhes o apostolado nas seguintes palavras: «Ide, meus discipulos, e caminhae por toda a parte para a salvação de muitos, por misericordia com o mundo, para prazer dos deuses e dos homens! Não façaes dous juntos o mesmo caminho; prégaee a doutrina que é soberana, prégaee-a segundo o espirito e segundo a letra, mas não a entregueis aos soberbos, aos enervados pelo goso, aos que motejam e escarnecem.» (Vid. S. Matheus VII, 6). Depois annuncia as perseguições que terão de soffrer os discipulos e recommenda-lhes, que tudo soffram por amor d'elle, que os protegerá, que lhes inspirará as palavras e que ainda estará entre elles, quando não o enxergarem mais. Promette apparecer aos fleis no cimo da montanha junto á cidade; e em toda a parte onde elles prégaerem a lei, ahi estará elle invisivelmente presente. (Vid. S. Matheus XVIII, 20; XXVIII, 10-20; S. João XV). E como antes d'elle só houve outros Buddhas em longiquas épocas, assim virá após elle mais um, Maifreya, que julgará o mundo desmandado e fará nascer de suas cinzas um novo reino de Brahma, uma especie de «Nova Jerusalem», como presagia o Apocalypse.

Os discipulos são mandados para toda a parte do universo, e a formula com que recebem neophytos na Ordem é: «Eu recorro a Buddha, á Lei, á communhão dos Santos».

Com sciencia certa da hora da sua morte, prepara para ella os seus discipulos e os exhorta em caminho para o logar em que deve expirar. Na hora da morte illumina-se seu corpo, a terra treme, cae um meteóro e a voz do céo se faz ouvir no trovão. Depois de queimado o cadaver, os reis e os sacerdotes disputam entre si a posse de suas reliquias, mas um brahmane os accomoda, procedendo á partilha.

Buddha voltára ao céo, mas deixára aos fleis a promessa de tornar a apparecer-lhes.

Immediatamente depois da ascensão de Buddha, reuniu-se o grande concilio de 500 discipulos sob a direcção de Kasyapa e procedeu á coordenação dos livros sagrados.

Eis ahi, em resumidos traços, a vida de Buddha e sua doutrina, taes como as consignam os livros sagrados dos Hindus e sobretudo a *Lalita Vistára*, uma traducção chinesa dos livros sagrados.

Creio que em boa fé ninguem negará os innumerados pontos de contacto entre o mytho buddhaista e o mytho christão. Admittidas

as inevitaveis modificações d'estas ao respectivo *meio*, o fundo dos dous mythos é o mesmo, e a differença mais saliente está na morte de Christo pela forma violenta por que a descreve a Biblia. Esta morte no Golgotha é o unico facto historico de prova plena, na vida de Christo, porque acha-se consignada nos annaes romanos; o resto é tudo obra do novo testamento, de sorte que essa divergencia tem perfeita explicação historica. Está claro que ha relação immediata entre os dous mythos; a confecção de um, foi influenciada pela existencia do outro. Ora, ha documentos irrefragaveis que Buddha viveu pelo anno de 500 antes de Christo e sua morte é fixada para o anno 477 antes de Christo.

Sabemos que a chronologia indiana inspira pouca confiança, mas pelo que diz respeito á historia religiosa de Buddha temos duas bases inabalaveis: uma d'ellas são as inscripções gravadas em columnas e em rochedos por ordem do rei Asoka no III seculo antes de Christo. Uma d'ellas, ha oito annos achada pelo general Cunningham ¹, fixa a morte de Buddha em 477 antes de Christo e data ella propria do anno de 256 depois da morte de Buddha. O segundo documento irrecusavel é a já citada traducção chinesa *Lalita Vistara*.

Sendo pois certo que Buddha viveu 500 annos antes de Christo, é claro que o buddhismo não póde ter plagiado do mytho christão. Este é indubitavelmente o plagiario.

Nem é surprehendente o facto: os essenios, cujas doutrinas ouvira Jesus, conservavam tradições buddhaisticas, o que não é estranhavel porque o commercio das Indias com o Occidente floresceu antes de Christo. A India negociava directamente com os grandes emporios commerciaes da Syria, da Asia menor e do Egypto, e em vista do fanatismo com que os discipulos de Buddha prégavam as suas doutrinas, fazendo proselytos por toda a parte, é impossivel que não estendessem a sua propaganda tambem áquelles emporios commerciaes com os quaes commerciava a India. É Plinio quem nos affirma que o imperio romano importava annualmente o valor de 50.000:000 de sestercios (4:000 contos de reis, moeda brasileira) em productos das Indias orientaes.

Os essenios cultivavam sciencias occultas, provenientes de longiquas terras: é pois quasi infallivel que estivessem de posse do mytho buddhaista e que Christo, estudando com elles, se inspirasse n'aquelle mytho, transportando-o para a Palestina. É o que me parece certo em relação ao Christo historico nos pontos principaes, que coincidem com o mytho buddhaista.

¹ Vid. G. Bükler: *Three new Edicts of Asoka*, Bombay 1877.

Por outro lado sabemos hoje que os respectivos apóstolos S. Matheus, S. Marcos, etc., não são auctores propriamente ditos e que os Evangelhos que figuram com os seus nomes foram compilados por auctores incognitos. Ora, esses Evangelhos compõem-se de tres partes: o nucleo historico, o mytho religioso e a lenda poetica. Mythos religiosos, porém, precisam de seculos para tomarem fôrma fixa e por isso é impossivel que a parte mythologica dos Evangelhos se formasse em poucos annos, mórmente em uma época em que se desfazia uma velha civilisação ao embate de um racionalismo sceptico, bem caracterizado pelo encolhimento de hombros com que Pilatos pergunta: «O que é a verdade?»

A parte mythologica dos Evangelhos não pôde pois datar do breve espaço de tempo que reconhecidamente mediou entre a morte de Christo e a confecção dos Evangelhos, o mais novo dos quaes foi sabidamente escripto no fim do anno de 68. Parece-me, pois, fóra de duvida que além da influencia que o mytho de Buddha deve ter tido sobre a mentalidade de Christo, que infallivelmente tivera conhecimento d'elle, terá o mesmo mytho fornecido grande parte da materia aos elaboradores dos Evangelhos.

Nem isto é de estranhar, porque temos o exemplo d'uma lenda buddhaistica, que forneceu um Santo ao calendario christão. Foi o padre da Igreja João Damasco que em 750 escreveu a legenda «Barlaam e Josaphat», que é a exacta reproducção d'uma lenda buddhaistica, sendo o proprio nome Josaphat, que se escrevia então Joasaph, uma corrupção do titulo de Buddha-Bodhisattva. — É assim que a Igreja catholica conta entre os seus santos Buddha-Sakyamuni! O que se deu ahi, é provavel que se houvesse antes dado na confecção dos Evangelhos, e só assim se explica a quasi identidade entre os mythos de Buddha e de Christo.

Porto Alegre 7 de julho de 1884.

C. VON KOSERITZ.

HISTORIA DA PEDAGOGIA EM PORTUGAL

A Universidade e o espirito secular da instrucção humanista

§. 2. — O humanismo italiano precede a reforma da Universidade por el-rei D. Manuel

(Continuação)

Nos estudos portuguezes o Collegio fundado pelo dr. Manganha corresponde ao phenomeno da protecção dada por particulares aos estudantes pobres; porém o character dos *Hospitia* das ordens monachaes é que vem a prevalecer no nosso systema pedagogico, como se vê pelas Escolas do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. N'este Mosteiro, os Collegios eram tres; dois d'elles eram verdadeiramente fragmentos de Universidade, e o outro consistia em uma simples Faculdade de Artes. O primeiro Collegio de Santa Cruz tinha cadeiras de *Theologia especulativa*, de *Moral*, de *Escriptura sagrada* e de *Canones*; o segundo Collegio conhecido pelo titulo de Sam João Baptista, ensinava as *Leis*, a *Medicina* e a *Mathematica*; o terceiro Collegio de titulo de Todos os Santos, ou dos *estudantes honrados pobres*, tinha as cadeiras de *Artes*, *Rhetorica*, *Grammatica grega* e *hebraica*.¹ Com o tempo estes Collegios foram incorporados na Universidade de Coimbra; depois que a Universidade se ficou definitivamente em Coimbra depois de 1537, todas as ordens religiosas estabeleceram Collegios n'aquella cidade, subsistindo hoje

¹ D. Nicoláo de Santa Maria, *Chr. dos Conegos Regr.*, t. II, 300.

apenas os edificios, como o Collegio de Sam Pedro e de Sam Paulo. A tradição medieval da inspecção sobre os costumes dos escolares prevaleceu até hoje na Universidade de Coimbra no systema das *informações* no fim da formatura. Entre a Universidade e os Collegios deu-se sempre uma alternativa de importancia, ora tornando-se collegial a Universidade, ora os Collegios convertendo-se em Faculdades de Artes, como no tempo do predomínio jesuita, no Collegio de Santo Antão de Lisboa, e no Collegio do Espirito Santo de Evora, que se converteu em Universidade. N'esta poderosa influencia dos Collegios em França, figura gloriosamente o nome portuguez na familia dos Gouvêas, que ali tanto se acreditaram pelo seu genio pedagogico; o grande Montaigne falla com veneração do seu mestre Diogo de Gouvêa. Em Inglaterra tambem se deu o phenomeno da preponderancia do systema collegial: «Foram os Collegios que pouco a pouco se apoderaram do monopolio da instrucção e do governo da Universidade.»¹

Junto com o desenvolvimento dos Collegios dá-se um phenomeno interessante nas fôrmas pedagogicas: o *Lente* é substituido pelo *Professor*, e o alumno, admittido muito novo á frequencia collegial, precisa de um patrono ou *tutor*, que o dirija nos seus actos e lhe repita as lições. O *tutor* medieval, que era de ordinario um estudante pobre, (o *fellow* das Universidades inglezas) tornou-se com o tempo em *leccionista* e *repetidor*.

Nós vimos pela Carta de 22 de outubro de 1337 que se não podia ensinar fóra das Escolas geraes, e que os estudantes pagavam uma certa quota aos lentes, segundo a sua classe de ricos ou de pobres. Esta centralisação universitaria resultava de que só podiam ensinar os que eram graduados regentes, e que recebiam a propina ou enxoval (o *pastus* e *collectum*). Pela fundação dos Collegios, com intuito de servir os Escholares pobres, as lições tornaram-se gratuitas, e por isso teve de se ampliar a todos os graduados a faculdade de ensinar. Sobre este ponto escreve Hamilton: «Para alliviar um pouco os estudantes e para assegurar-se a cooperação de mestres habéis, concederam-se honorarios a certos graduados que davam lições gratuitas. Em muitas Universidades, os candidatos aos grãos eram obrigados a seguirem estes cursos, e foi a estes graduados salariados que foi exclusivamente dado mais tarde o titulo de *Professor*. A instituição dos Professores pagos fez necessariamente decahir os cursos dos outros regentes, pois que os estudan-

¹ Hamilton, *op. cit.*, p. 278.

tes preferiam naturalmente as lições gratuitas; e ainda que o graduado conservasse o direito de ensinar publicamente, este direito foi quasi que inteiramente abandonado a este corpo de professores em todas as Universidades da Europa.»¹ Ainda encontramos uma Provisão de D. João III, de 1533, em que concede licença a Dom Affonso sobrinho do rei do Congo para ensinar grammatica em Lisboa fóra do Bairro das Escolas Geraes. Todos estes factos, apparentemente anecdoticos ligam-se ao systema e espirito do ensino europeu, e é este criterio historico indispensavel que falta aos que entre nós se arvoram a escrever e a regular sobre pedagogia.

O typo de *tutor*, que é a origem do mestre particular, teve a sua mais alta manifestação em Italia; o celebre Victorino de Felitre, escolhido para mestre de quatro filhos do marquez de Gonzaga em 1424, pela reforma que introduziu nos habitos escolares, atrahiu discipulos de todas as partes da Europa para a sua *Maison Joyeuse*. A Italia tornou-se nos fins do seculo xv o centro dos estudos classicos, ou a Renascença. Por 1489 frequentavam os estudos na Italia os filhos do Chancellor João Teixeira, e o celebre humanista Angelo Policiano escrevia ao rei Dom João II de Portugal, dando-lhe conta dos estudos dos seus pupillos: «Na verdade, pedi, não ha muito, a estes subditos vossos que estão aqui, mancebos de subido talento e elevado character, os filhos de João Teixeira, vosso Chancellor-mór, que por sua intervenção me fossem ahí copiadas as memorias (se é que existem) dos vossos feitos: prometteram elles desempenhar-se cuidadosamente do encargo, em respeito da obrigação que devem ao seu preceptor; etc.» Dom João II escreveu-lhe em carta datada de 23 de outubro de 1491: «Resta, Angelo amigo, que aos filhos do nosso Chancellor-mór, fidalgos de nossa casa, consagreis os maiores desvélos. Sem duvida que a vossa bondade não havia mister de recommendação para assim o fazerdes espontaneamente, comtudo encarecidamente vos rogamos que por nosso respeito tenha ainda algum augmento o vosso zélo. E na verdade a elles deveis toda a gratidão, porque o pae e os filhos, aquelle com os louvores, estes com os testemunhos provadissimos do vosso saber, não cessam de vos exaltar, fallando-nos de vós, e de fazer chegar até estes confins da terra a fama do vosso nome, o que não faz pouco em prol da vossa gloria e reputação. Mas aos proprios mancebos nós damos os emboras por lhes ter cabido o viver em tempo em que da fonte abundante da vossa sciencia pos-

¹ Hamilton, *op. cit.*, p. 274.

sam beber alguma instrucção...» Em uma carta de Angelo Policiano ao Chanceller João Teixeira, lhe diz: «Para a Italia os mandastes, afim de se lhes formarem os costumes, serem instruidos nas boas letras e aprenderem todas as Artes liberaes, segundo é proprio de quem tem de occupar a mais elevada posição.» Depois de ter fallado da sua assiduidade ás aulas, acrescenta: «Aquelle que lhes destes para aio e pedagogo, cuida n'elles, dirige-os e educa-os com tão levantada prudencia, amor e desvélo, que nada ha que de-sejar. Certamente, que vos não engano, mas por outro lado, tambem me não engano a mim.»¹ Esta carta é datada de Florença em 17 de agosto de 1489; estava então no seu mais alto esplendor a Renascença litteraria, artistica e philosophica na Italia, e por este tempo se iniciou entre a aristocracia portugueza o costume de ir frequentar as escholas dos pedagogistas italianos, costume que durou ainda em todo o reinado de Dom Manoel. Depois de Victorino de Feltre, Angelo Policiano apparece-nos como o typo completo do *tutor* ou pedagogo, primeira manifestação do homem de sciencia fóra do centralismo das Universidades.

De Italia tinha Dom Affonso v mandado vir o dominicano Justo Baldino, celebrado latinista, para verter para a linguagem ciceroniana as chronicas do reino por Fernão Lopes. O rei nomeou-o Bispo de Ceuta, (1480 ou 1481) porém nunca sahiu de Portugal; em 1487 governou a diocese do Porto, e em 1490 benzeu em Setubal o chão da Egreja de Jesus das recoletas franciscanas.² Damião de Goes reproduz na Chronica de D. Manoel uma Carta de João Rodrigues de Sá, em que lhe conta que as Chronicas do reino entregues ao bispo Justo Baldino se perderam por occasião da sua morte da peste de 1493 na villa de Almada.³ A idéa de traduzir para latim as Chronicas do reino era o effeito do enthusiasmo humanista provocado pela Renascença. Outros italianos vieram para Portugal, como Cataldo Siculo, para dirigir a educação de D. Jorge, bastardo de D. João II, e de D. Manoel. Em uma polemica do professor Raphael de Regio, da Universidade de Padua, e dedicada a Ermolão Barbaro, em 1488, conta elle que no anno de 1482 fôra chamado a professar Rhetorica em Padua, com o ordenado de 200 florins, um certo Cataldo Siciliano, porém, que o desafiara e o desapossara

¹ Estas cartas appareceram pela primeira vez publicadas em portuguez nos *Poetas palacianos*, p. 299 a 306.

² Levy M. Jordão, *Hist. eccl. ultramarina*, t. 1, pag. 38.

³ *Chronica de D. Manuel*, Part. IV, cap. 38.

da cadeira por consentimento dos escolares.¹ Segundo Tiraboschi, este Cataldo Parisio Siciliano, é aquelle mesmo celebrado no epigramma de Henrique Caiado, como seu primeiro mestre :

Formasti ingenium primus, primus per altos
Duxisti lucos antraque Pieridum.

O nome de *Filelfo*, celebre professor na Universidade de Veneza, tambem foi conhecido em Portugal, e Marco Antonio Sabellico teve a honra de lhe serem traduzidas em portuguez as suas *Eneadas*. A corrente humanista entrava francamente em Portugal sem a suspeita de heterodoxia ; no Cancioneiro de Resende já apparecem traducções portuguezas em verso das *Heroides* de Ovidio. Esta corrente não podia deixar de influir nos estudos ; porém o desastre da morte do principe Dom Affonso, e pouco depois a morte do rei Dom João II seu pae, demoraram essa consequencia, que veiu a realisar-se sob o novo dynasta Dom Manuel. A reforma da Universidade de Lisboa no reinado de Dom Manuel foi tardia ; a Italia não dominava já exclusivamente nos estudos humanistas, Paris tornava-se um poderoso centro de erudição. D'esta nova influencia veiu a proxima reforma de 1537 por Dom João III. Nas escólas collegias de Santa Cruz de Coimbra fallava-se latim e explicava-se Homero em grego. Havia mais purismo e procurava-se uma melhor intelligencia da antiguidade greco-romana. Esta corrente fez com que se distinguisse no ensino da grammatica a *Arte nova*, apparecendo com este titulo em 1493 professada por João Garcia. Uma carta do rei Dom Manuel de 22 de janeiro de 1500, prohibia pagar-se moradia aos moços fidalgos se não apresentassem certidão de frequencia de Grammatica : « Mayor-domo-mór amigo, avemos por bem que nenhum moço fidalgo nem seja apontado nem paga sua morada salvo per certidão de Diegalveres, Mestre de Grammatica ; notificamovolo asi e mandamovos qui asi se cumpra, salvo naquelles que nos especialmente vos apontamos e declaramos. Escripita em Lisboa a 22 de janeiro de 1500. »² Um vilancete do Conde de Vimioso dirigido ao poeta palaciano Ayres Telles, allude a este prurido dos estudos humanistas em Portugal e na côrte :

Estudaes e fugis de mim,
sois latino ;
que quedas dá o ensino
do Latim ?

¹ Tiraboschi, *Storia della Letteratura italiana*, t. vi, p. 1050.

² Nas *Provas da Historia genealogica*, t. II, p. 381.

Trazeis todo decorado
o *Metamorfoseos* ;
eu trar-vos-hey assombrado
de rir de vós.
Coitado, triste de ti,
homem mofino,
que foste nacer em sino
de Latim. ¹

A influencia franceza despontava já no fim do reinado de Dom Manuel ; em 11 de janeiro de 1516 escreve o rei á Universidade dizendo que vae mandar vir de França o dr. Diogo de Gouvêa para ser oppositor á cadeira de Vespera ; em seu logar parece ter vindo em 1517 Mestre João Francez. A acção da Renascença italiana em Portugal revelou-se successivamente em outras fórmas de actividade ; na Ourivesaria, como o indica Garcia de Resende ; no Theatro com a fórma em prosa das Comedias de Sá de Miranda e de Ferreira ; na Pintura com as doutrinas de Francisco de Hollanda. O ultimo resto d'esta influencia na pedagogia acha-se na instituição de uma Academia litteraria da Infanta Dona Maria. Só muito tarde é que as Academias litterarias se propagaram quando já se tinham tornado na Europa em exclusivamente scientificas, conservando comtudo o primitivo character palatino. O ensino europeu recebeu um typo uniforme com o desenvolvimento das Universidades, todas constituídas pelas quatro Faculdades *Theologia, Direito, Medicina e Artes*. « Esta ultima, diz Hamilton, corresponde ás nossas duas Faculdades de Sciencias e de Letras ; comprehende as Letras propriamente ditas, as Sciencias physicas e mathematicas. » ² Aqui temos o facto da *bifurcação* dos estudos humanistas em scientificos e classicos, iniciado no seculo XVI, distinguindo-se em Portugal a par de Ayres Barbosa e dos Resendes, Garcia de Orta, Pedro Nunes e Francisco de Mello, como verdadeiras summidades scientificas.

THEOPHILO BRAGA.

¹ *Canc. geral*, ed. de Stuttgart, t. II, p. 121.

² *Frag. de Philosophie*, p. 272.

LITTERATURA BRAZILEIRA

SEGUNDA ÉPOCA, OU PERIODO DE DESENVOLVIMENTO AUTONOMICO

(1750-1830)

Sciencias naturaes

Um povo que nada produz na ordem das idéas é um povo esteril e inutil para a humanidade. Na ordem das idéas, as mais importantes são as scientificas, e por isso o povo que nada fundou nas sciencias não tem o direito de viver na historia. O Brazil nada de notavel, de saliente tem produzido até agora no terreno de que fallamos: queremos dizer, não existem doutrinas, theorias ou grandes factos novos que entrassem para o patrimonio geral da humanidade levados por brasileiros.

Não quer isto dizer que não tenhamos possuido alguns espiritos altamente cultos, nutridos de bons principios, e capazes de bem desempenhar os eu papel. Principalmente, na fecunda época que estudamos, o Brazil contou a pleiade de sabios, que ficaram em sua historia occupando uma posição que não foi ainda ultrapassada.

Uma nuvem legendaria cerca hoje os nomes de Arruda Camara, Conceição Velloso, Alexandre Ferreira, José Bonifacio, Antonio de Nola, Coelho de Seabra, e outros. São estes os celebres naturalistas, os afamados sabios que a tradição aponta ao longe como o supremo esforço do genio do Brazil nas sciencias. E a tradição é justa; esses homens tiveram merito. Não estudaram no paiz, não se fizeram aqui, mas representaram o nome brasileiro na grande

época da gestação de nossa independencia — entre os portuguezes.

De ordinario se afigura a certa classe de historiadores que a emancipação do Brazil foi um negocio de intriga palaciana arranjada por Pedro I. O povo, a constituição organica da nação, o vigor do nosso desenvolvimento, nada d'isto apparece para esclarecer o drama, e aquella figura que foi n'um sentido o perturbador do movimento nacional, surge como o auctor de uma obra secular. Não; o paiz estava constituido, estava disciplinado, forte, desenvolvido para emancipar-se.

Entre as causas precursoras do movimento devemos contar os sabios que deixamos citados. E si nas sciencias naturaes brilharam elles nos estudos que têm por objecto o desenvolvimento das sociedades, a acção de um Silva Lisboa e de um Azeredo Coutinho não era menos meritoria.

Quando dizemos que uma legenda tradicional se apoderou dos nomes de nossos sabios dos fins do seculo passado, fallamos intencionalmente. Elles deixaram de ser directamente conhecidos por nós.

Ninguem os lê hoje. D'alguns não ha trabalhos impressos, e os que existiram de outros não se nos deparam mais na circulação. São de difficil accesso.

A historia das sciencias, das artes e das letras no Brazil é um verdadeiro caminhar entre mortos. Tudo acaba completamente aqui. Desapparecem os homens e com elles os seus escriptos. Sómente dos poetas uma ou outra composição destacada é parcamente lida. Dos mais nem uma palavra se lê. Duvido que actualmente haja uma duzia de brasileiros que tenham folheado os escriptos, já não digo de outros mais obscuros, mas de José Bonifacio, em quem se falla ahí diariamente... Em parte ha uma justificativa para o afastamento dos leitores das obras dos auctores nacionaes: é a falta de novas edições. Apesar dos embarços e difficuldades, daremos uma idéa do movimento scientifico levado a effeito por nós nos ultimos annos do seculo passado e começos d'este.

«Nas sciencias, diz Varnhagen, alguns brasileiros ganharam celebridade n'esta época: *Alexandre Rodrigues Ferreira*, o Humboldt brasileiro, em suas extensas viagens pelos sertões do Pará; *José Bonifacio d'Andrada*, viajando como mineralogista pela Europa, de igual modo que o naturalista *Manoel Ferreira de Araujo Camara* e *Antonio de Nola*, ao depois lente em Coimbra; *Coelho de Seabra*, escrevendo tratados de chimica, além de muitas dissertações scientificas; *Conceição Velloso*, trabalhando em sua grande *Flora Fluminense* e deixando impressos muitos tratados compostos ou traduzidos; *José Vieira do Couto*, naturalista em Minas; *Manoel Jacintho*

Nogueira da Gama, distinguindo-se em Coimbra nas mathematicas, do mesmo modo que *Francisco Villela Barbosa*, vindo ambos a reger cadeiras d'essas sciencias; *Silva Feijó*, naturalista empregado em explorações nas ilhas de Cabo Verde...»¹

As principaes d'estas figuras é que nos deterão ante si.

Alexandre Rodrigues Ferreira era natural da Bahia, onde nasceu a 27 de abril de 1756. Estudou em Coimbra direito e sciencias naturaes. Foi designado pelo governo portuguez para explorar o norte do Brazil, para onde partiu em 1783. Percorreu a região amazonica, Matto Grosso e Goyaz. A viagem durou de 1783 a 1792.

Ferreira durante a sua derrota escreveu relações de viagem e tratados de botanica, ethnographia e zoologia. É uma collecção immensa que ficou inedita até hoje, com excepção de alguns pequenos fragmentos na *Revista do Instituto* e alguns excerptos na *Chorographia* do dr. Mello Moraes. Os principaes manuscriptos do illustre bahiano vêm a ser: *Observações geraes e particulares sobre a classe dos marnas nos territorios do Amazonas, Rio Negro e Madeira*; *Memorias sobre as tartarugas*; *Memoria historica da ilha de Marajó*; *Memorias sobre as madeiras do Brazil*; *Diario da Viagem philosophica*; *Participação geral do Rio Negro e seu territorio*... A collecção dos trabalhos de Rodrigues Ferreira é enorme; o bahiano escreveu tanto como Buffon. Revela espirito observador e notavel cultura para o seu tempo. A sciencia, porém, avançou sem os recursos accumulados por elle. Seus escriptos ficaram desconhecidos e improductivos. Ferreira é, pela incuria do povo a que pertenceu, um grande exemplo do trabalho nullificado. Causa realmente pena a quem folheia os seus manuscriptos, vér tanto esforço, tanta fadiga desperdiçados, esterilizados.

Devemos publicar-lhe as obras como um exemplo, uma amostra do nosso vigor scientifico em fins do seculo passado, mesmo tendo a certeza de que suas idéas são hoje antiquadas. — Ferreira falleceu em 1815.

Suas idéas sobre botanica, zoologia e ethnographia eram um reflexo immediato do estado d'estes estudos oitenta annos antes de nós. Nada hoje nos adiantam. No que diz respeito, porém, a noticias locais dos pontos do paiz que visitou, e, em menor escala, sobre costumes dos selvagens amazonicos, o sabio bahiano não foi

¹ *Florilegio*, I, pag. XLV.

ainda ultrapassado. Ha sido a mina em que têm ido prover-se certos *savants* vaidosos e plagiarios incorrigiveis. Ouçamol-o sobre alguns costumes dos indios: « Si se principia pela affeição conjugal, por ser este o primeiro de todos os affectos humanos, posso dizer que ao melindre e á ternura que, entre os povos civilizados, merece a mulher ao seu marido, não corresponde a dos americanos. A tapuya verdadeiramente não é mulher, mas sim escrava de seu marido. É verdade que, na repartição do trabalho, a elle é que pertence roçar, caçar e pescar, porém nada mais. A mulher é a que planta, se isto se pratica; é a que colhe e a que transporta para a sua palhoça o cesto de mandioca á cabeça, e o filho, se o tem, ás costas, ou a um lado do corpo; é a que prepara o beijú ou a farinha, a que espreme os vinhos para as suas bebidas, a que vae buscar e conduzir a agua, e, em uma palavra, a que tudo lhe faz, passando pelos empregos mais humilhantes. Os serviços pessoases que o tapuya consagra áquella com quem quer casar, não são os meios para a conseguir. Isto só depende de elle a comprar a seus paes, quero dizer, de dar em troca d'ella o que elles desejam; porque entre os gentios não ha moeda. Uns são monogamos e outros polygamos; se o paiz é fertil e abundante, de maneira que nenhum cuidado lhes dá o entretenimento de uma numerosa familia, se assim o pedem as suas instituições e costumes, usam de mais que uma mulher. Porém ellas não são geraes, nem para todos, nem para os da sua parentela. Porque, ainda que geralmente se diga que elles são frios para as mulheres, isto não procede tanto da falta de ciume, ou de appetite do coito, como da liberdade de o terem, quando e como o appetecem. Sabe-se que entre elles nem ha lei, nem religião, que os modere. Pelo contrario, o que elles logo tratam de esconder e recatar, em sentindo gente estranha, são as mulheres e os filhos, os quaes elles zelam, e guardam como as meninas dos seus olhos. E se alguns indios, depois de domesticados, os fecham, tratando de bagatella a infidelidade conjugal; ou elles mesmos alliciados de dadas e de importunações, entregam as mulheres; logo ao primeiro accesso de alguma crapula exprimem o seu resentimento e bem claramente dão a entender quanto n'elles domina o ardor da vingança. O que se diz, para prova de sua debilidade, que nem a mesma vehemencia do appetite do coito é n'elles tão grande como nos europeus, ainda os mais bem morigerados, eu o não confirmo nos que tenho visto. É verdade que todos estes habitam nas margens dos rios, onde o céu é benigno, o terreno fertil, e a subsistencia abundante, e onde por conseguinte as paixões que excitam as necessidades, taes como a fome, a peste e a guerra não enfraquecem ou distrahem aquella do amor. Talvez que esta seja a razão da diversidade das minhas

observações, porque o certo é que quanto mais nutrido e folgado anda o corpo, tanto mais ardente se faz aquelle appetite. Sim, não é facil de se vêr um indio empenhado em ganhar a affeição de sua amada, ou por diligencias assiduas, ou por caricias externas, e outras muitas d'essas demonstrações inventadas para esse fim pelos amantes civilisados. Porém tambem ellas, para com elles, nem necessitam de tantos serviços pessoaes, nem têm lá, de si para si, formado uma idéa de especialidade de favor que n'isso lhes façam. Si ellas têm amor pelas suas obras, e que o mostram, quero dizer, pelos serviços pessoaes que fazem, pela facilidade de condescenderem em tudo, quanto diz respeito ao tratamento corporal d'aquelle a quem se consagram, quer pelas suas maneiras externas, pela correspondencia de obsequios, pelo riso de alegria, pelas lagrimas de tristeza e pelos gemidos de dôr, é raro que alguém possa julgar de seu affecto. Do amor dos paes a seus filhos, emquanto elles são pequenos e necessitam de seus soccorros, nenhum observador, que eu saiba, tem até agora duvidado. Porém este amor dura tanto como o de outro qualquer animal. Porque, em o filho chegando á idade de poder elle mesmo diligenciar o seu sustento, fica inteiramente absolvido o pai de tratar d'elle, e o filho senhor de si e de suas acções. Nunca jámais se ouve ao pai aconselhal-o, nunca louval-o, nunca reprehendel-o. Em uma mesma palhoça, que aliás não tem repartimento algum, estão irmãmente vivendo o pae, a mãe, os filhos, as filhas, as noras, e tudo quanto entre os povos civilisados se não faz sem grande recato, em ordem ao respeito e á decencia, elles sem resaibo algum de malicia, o praticam ao pé uns dos outros. D'onde vem que esta indifferença, com que se olham o pae e o filho, enfraquece muito aquella união e amor á sua familia que fazem o caracter permanente das familias civilisadas. As mães, logo que acabam de parir, lavam-se a si e a seus filhos. Em as filhas chegando á idade de lhes apontar o menstruo, logo pela primeira vez que são assistidas, a cerimonia de sua purificação é precedida de um banho lustral. A filha é retirada a um tendal levantado alguns pés acima da palhoça, alli a conservam seus paes pelo tempo que lhe dura o menstruo, fazendo-lhe fumo por baixo e adictando-a com caldos de farinha de mandioca. O que ainda hoje não deixa de se praticar occultamente em algumas das nossas povoações: aonde um dos effeitos da corrupção dos costumes, que na verdade passam de licenciosos, é o da prostituição das indias, muito antes de serem assistidas. Da idade de nove annos para cima principiãam a prostituir-se, primeiramente com os chamados capitãriz, que são os indios rapazes de doze até dezeseis annos, e depois com os homens de todas as idades e condições. Do que se não dá muito ao commum de seus paes, por duas razões: 1.^a porque para

a pobreza em que vivem nunca deixam de ser lucrativos os seus disfarces: os brancos as sustentam, e vestem, tanto a ellas como a seus parentes; os indios lhes fazem as roças e com isso lhes pagam; 2.^a porque por estarem prostituídas não perdem casamento, visto que aos olhos de um indio a honra d'este genero é cousa bem insignificante. D'onde se segue: primeiro, que cedo principiam a parir e cedo acabam; segundo, que uma india de dezeseite até vinte annos fica tão estragada nas forças e no aspecto e com a presença tão mortificada, como na Europa uma mulher de trinta annos; terceiro, enfraquecido e esgotado o pouco vigor nativo de sua constituição physica, por tão differentes causas, como são a dissipação de substancia, a debilidade dos alimentos, a frequencia dos deboches, o trabalho domestico e rural, os esforços dos partos e a criação dos filhos, com todos estes obstaculos da população entra logo a lutar a sua fecundidade, e de trinta annos para cima poucas indias parem. Com os escravos, se os senhores são antropophagos, sabe-se qual é a sua conducta; nunca jámais a submissão do vencido desarma a colera do vencedor; os mais humanos os reservam pará os serviços domesticos, emquanto os não vendem áquelles que elles sabem que os compram.» ¹

Bem se vê que o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira era um observador atilado. Seus escriptos estão cheios de notas ethnographicas, geographicas, zoologicas e botanicas de subido valor. Não se devem procurar idéas novas hoje em relatorios e informações ineditas ha cem annos.

O sabio bahiano, porém, estava na altura da sciencia de seu tempo; foi um trabalhador valente, e sua longa viagem pelo grande *Far-West* brasileiro foi uma das mais ousadas das empreendidas na America do Sul. É impossivel julgar dos seus trabalhos pelo que d'elles se acha publicado. A *Revista do Instituto Historico* deu apenas tres dos menos importantes: *Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte pela corôa portugueza*, vol. III, pag. 363; *Descrição da gruta do Inferno*, vol. IV, pag. 163; *Viagem á gruta das Onças*, vol. XII, pag. 87.

Em perto de 200 paginas inseridas pelo dr. Mello Moraes no II vol. da *Chorographia do Imperio do Brazil* tem-se mais a apreciar. Foi um real serviço prestado ao infeliz viajante. ²

¹ *Chorographia do Imperio do Brazil*, pelo dr. Mello Moraes (pai). Rio de Janeiro, 1859, tomo II, pag. 266 e seguintes.

² Vide, sobre este sabio, o *Diccionario Bibliographico Brasileiro* pelo dr. A. V. A. Sacramento Blake; *Notas Bibliographicas*, por Felix Ferreira; e nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, artigo por Valle Cabral.

Não era só nas sciencias naturaes vasta a erudição de Ferreira; suas leituras historicas eram amplas. A memoria sobre a *Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte* é nutrida de factos e documentos. Entre os trabalhos consagrados aos selvagens em mais de um ponto põe elle em jogo as suas leituras. É um exemplo o capitulo intitulado — *Constituição politica dos indios*, reproduzido na *Chorographia* de Mello Moraes, vol. II, pag. 268 e seguintes.

O estylo do naturalista é sempre simples, por vezes energico. « Ha quem pretenda, escreve elle sobre os indios, ha quem pretenda que da contextura de sua pelle e de sua constituição physica depende o serem elles menos sensiveis ás dôres do que nós. O certo é que por motivo de uma dôr se não ouve gemer um indio; antes é capaz de soffrer a amputação de um braço ou de uma perna sem dar o menor suspiro. Não é que a elles lhes faltem ou os acenos ou vozes com que manifestarem ou os seus gestos, ou as suas dôres; mas é que elles mesmos, fóra dos transportes da crapula ou do tumulto das paixões, não são homens que desperdicem palavras. Costumados a pensar pouco tambem fallam pouco; d'onde vem que o aspecto de um tapuya é o de um homem serio e melancolico. O seu mesmo fallar é tão lento, como são lentas as suas cogitações; não se vê n'elles que prestem uma demasiada attenção ao que se lhes diz; com aquella mesma taciturnidade com que se deitam, com essa acordam, e, se não têm que fazer, n'ella perseveram dias inteiros. Quem não está costumado a communicar com franqueza os seus sentimentos, é naturalmente desconfiado, a ninguem abre seu coração, de ninguem se fia, e o seu character em todas as suas deliberações é o da reserva. O que bem o mostra a experiencia, porque para a execução de seus planos, por exemplo, para uma fuga, para uma sublevação, nada é capaz de abalar aquella inimitavel constancia, com que entre elles se guarda a insidiosa maxima de um impenetravel segredo e de uma refinada dissimulação. Andando ou trabalhando, si não são indios creados entre os brancos, não se lhes ouve cantar nem gemer.

Canta o caminhante ledo
 No caminho trabalhoso,
 Por entre espesso arvoredado;
 E de noite o temeroso
 Cantando refreia o medo.
 Canta o preso docemente,
 Os duros grilhões tocando;
 Canta o segador contente,
 E o trabalhador cantando
 O trabalho menos sente.

Porém isto em tapuyas de nenhuma sorte se verifica; sendo que ou para a prosa ou para o verso não deixa de haver nas suas linguas sufficiente energia e propriedade. »¹

Este modo de escrever dista immensamente dos dismantelos rhetoricos que em Lisboa ou no Rio de Janeiro os chamados litteratos do tempo do nosso naturalista punham em pratica. A citação d'aquella bellissima estrophe das *Rimas* de Camões mostra que ao homem da sciencia não era estranha a boa litteratura poetica. Este pedaço sobre a melancolia dos indios é um traço de mestre em nossa caracteristica. Os brasileiros são um povo triste. A melancolia, ao sentimentalismo tradicional do portuguez veio alliar-se a hypocondria do indio; e se os dous povos não produziram aqui uma nação de hystericos irremediaveis, é porque a elles juntou-se a mais alegre e expansiva das raças, aquella que está sempre prompta a mostrar seus bellos dentes: a raça africana. Aos pobres escravizados não devemos sómente o dinheiro que gastamos, devemos tambem o pouco de alegria que ainda existe n'este paiz abatido, e, ao ao que parece, precocemente decadente. Mas qual é a figura de Alexandre Ferreira na litteratura brasileira? Eis o ponto capital e o mais difficil de elucidar. Não se pôde dizer que o sabio bahiano fosse um mediocre. Pelo contrario; tinha grande talento de observação e grande sciencia. Por outro lado, não se pôde dizer que elle tenha contribuido directamente para o progresso da sciencia.

Ao serviço de um governo inepto e mesquinho, accumulou uma immensa rima de manuscritos que lá ficaram pelos archivos para pasto das traças, e os factos novos, as descobertas importantes alli reunidos permaneceram como não existentes e tiveram de ser produzidos de novo pela pleiade de viajantes estrangeiros que nos ultimos oitenta annos têm percorrido as regiões amazonicas. De Ferreira não se pôde dizer que tivesse sido um homem mal comprehendido por seu tempo, como Lamarck, por exemplo. Foi um homem ignorado de seu tempo; seus escriptos não foram lidos. Fôra do limitadissimo circulo official de Lisboa, ninguem sabia d'elles.

Não se lhe pôde, portanto, fazer uma reabilitação historica. Foi uma victima do seu meio e hoje é apenas uma curiosidade bibliographica. Vai n'isto immensa injustiça; mas a historia não vive só de justiça; gosta muito tambem da felicidade, da força, da victoria. Aquillo que não entra na circulação geral do organismo social, como elemento vivo, é esquecido, é eliminado. O sabio brasileiro não pôde vêr seus livros publicados fazerem o curso da Europa e

¹ *Chorographia*, vol. II, pag. 270.

pelo menos servirem de informação sobre a flora, a fauna e a ethnologia amazonica, tanto peor para elle ; mas, antes e acima de tudo, tanto peor para nós. A historia consignará ao menos que elle trabalhou e não soubemos utilizar este trabalho. O merito capital de Alexandre Ferreira é a sua immensa actividade, seu geito para accumular notas e observações. Seu maior defeito é a falta de conjunto, a falta de uma philosophia. Este vicio era, aliás, o de todos os sabios portuguezes e brazileiros do seu tempo. Vejamos outro.

José Bonifacio de Andrada e Silva é um dos typos mais complexos e mais interessantes da historia da America. Sabio, poeta, homem de Estado, o velho paulista apresenta-se nos hoje aureolado por uns e denegrido por outros. Aparece-nos já envolto em uma legenda, e, com ter fallecido ha pouco mais de quarenta annos, já se vai tornando difficil apprehender-lhe a exacta, a verdadeira physionomia. Tendo a sua larga existencia dividida entre Portugal e Brazil, occupando-se alli de sciencia e aqui exclusivamente de politica, Andrada é a mais accentuada d'essas figuras de transição entre a colonia e o imperio. O que praticou em Portugal e o que fez no Brazil são como duas vidas distinctas, independentes uma da outra ; por tal fórma que os brazileiros não mostram curiosidade pelos labores do sabio na antiga metropole, e os portuguezes não são decerto grandes apreciadores dos feitos do revolucionario, que lhes arrancou a melhor de suas colonias. Os proprios escriptores contemporaneos que o têm estudado obedecem ainda a essa dupla tendencia.

Latino Coelho, illustre portuguez, traça-nos em algumas paginas a noticia dos trabalhos do naturalista. Mello Moraes e Francisco da Veiga, brazileiros, cuja maior preocupação não é o amor aos homens da Independencia, fallam-nos apenas do ministro de Pedro I . . .

É mister acabar com este dualismo e levar a unidade á vida do velho patriota. Andrada foi uma natureza inteiriça, de um só molde, de uma só face, quaesquer que tenham sido os aspectos que deu á sua actividade. A curiosidade scientifica e o amor ás letras, juntos ao seu orgulho de brazileiro, e especialmente de paulista, foram os propulsores de sua vida, a que dão um sainete especial certa impetuosidade de character e pronunciada tendencia para os palavrões da velha chalaça portugueza. Suas cartas ineditas dirigidas a Drummond são o melhor dos documentos que lhe revelam a indole. Mais de sexagenario em 1824, desterrado em Bordeus, escrevia a miudo a seu amigo, desterrado como elle, e que se achava em Paris, pedindo-lhe livros e revistas, enviando-lhe versos e adu-

bando tudo isto de grossas palavras, pesadas pilherias de genuino estylo portuguez. Pouco importantes pela face politica, porque de pequena monta são as revelações que nos fazem, estas cartas têm a grande significação de attestar-nos o caracter do homem. Alguns hão levado a mal o desabrimento da linguagem de Andrada referindo-se a Pedro I e á sua amante, a bella e caprichosa Domitilla, sem se lembrarem que era aquella a sua *maneira* habitual de falar, e sem reflectirem que outras não podiam ser as expressões de um homem ferido no seu orgulho, desdenhado em seus serviços, ingratamente opprimido por um principe ignorante, leviano, estouvado, escravo das baixas intrigas de uma camarilha soez. Que os factos destaquem ao vivo a figura de José Bonifacio.

Nasceu elle em Santos, na provincia de S. Paulo, a 13 de junho de 1765. ¹ Aos dezoito annos, em 1783, embarcou para Portugal. Já n'esse tempo fazia versos o futuro mineralogista. De sua primeira mocidade passada no Brazil restam-nos tres sonetos, que revelam certa valentia de sentimentos. N'um d'elles o poeta juvenil despede-se de sua amada, jurando-lhe eterna fidelidade :

« Adeus, fica-te em paz, Alcina amada,
Ah ! sem mim sé feliz, vive ditosa;
Que contra meus prazeres invejosa,
A fortuna cruel se mostra irada.

Tão cedo não verei a delicada,
A linda face de jasmims e rosa,
O branco peito, a bocca graciosa
Onde os amores têm gentil morada.

Póde, meu bem, o fado impiamente,
Póde negar de te gozar a dita,
Póde de tua vista ter-me ausente ;

Mas apesar da misera desdita
De tão cruel partida, eternamente
N'esta minh'alma viverás escripta. »

¹ Esta, e não 1763, parece ser a data exacta do nascimento de J. Bonifacio. No seu livro de poesias diz que partira para Portugal em 1783, com 18 annos de idade.

Chegado a Portugal, José Bonifacio matriculou-se nas faculdades de philosophia e leis na universidade de Coimbra. Geralmente se repete que o estado da cultura era deploravel entre os portuguezes no ultimo quartel do seculo XVIII. É uma d'essas declamações historicas espalhadas pelo romantismo em odio ao grande seculo de Diderot.

A verdade é que nunca as sciencias tiveram tão valentes cultores, como então, em Portugal. Garantem-nos esta asserção os nomes de Garção Stockler, João de Loureiro, Avellar Brotero e acima de todos os de Corrêa da Serra e João Antonio Monteiro. A estes juntava-se a pleiade de americanos de que Rodrigues Ferreira e Villela Barbosa eram os mais salientes. Andrada não estava isolado ; o meio era propicio para a curiosidade das sciencias e das letras. O proprio governo portuguez mandando-o percorrer a Europa em viagem scientifica fornece a prova de que as trevas que o cercavam não eram tão espessas, como é de moda repetir-se.

(Continúa).

Sylvio Romero.

A EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DE LISBOA EM 1884

IV

Para analysar d'uma maneira proveitosa a parte vinicola da Exposição seria necessario examinar cada amostra de vinho em particular, caracterisar perfeitamente os differentes typos, indagar as condições da sua producção e do seu consumo, a quantidade de producto que o viticultor pôde pôr á disposiçào do consumidor, etc. A realisacção d'um trabalho d'estes é completamente impossivel a um simples visitante da exposiçào como eu fui ; para o levar a effeito foi nomeado um jury especial, que terminou ha pouco os seus trabalhos, e cujo relatorio ainda não foi publicado.

Este mesmo jury, declarando-se incompetente, pelos meios de que podia dispôr n'uma simples prova, para extremar com exactidão os diversos typos dos nossos vinhos, e caracterisal-os chimica e commercialmente, propôz e conseguiu que amostras de todos elles fossem enviadas ao laboratorio do Instituto geral d'agricultura, onde este estudo importante seria feito com todo o rigor scientifico, do que podem dar sobeja garantia trabalhos analogos alli anteriormente realisados.

Desde tempos remotos foi sempre a cultura da vinha bastante importante em Portugal produzindo-se, porém, unicamente parã o consumo interno, até que em virtude de grandes esterilidades na Italia, vieram pela primeira vez procurar o nôsso mercado os negociantes inglezes. Em breve estabeleceram feitorias no Douro e

desde então foi em progressivo augmento a exportação dos nossos vinhos para a Inglaterra. O tratado de Methuen, se foi funesto ás nossas importantes fabricas de lanifícios, foi comtudo sobremaneira favoravel á producção vinicola, augmentando a nossa exportação, e alargando assim a área do consumo, um dos mais fortes iniciadores do augmento da producção.

É enorme a variedade de typos de vinhos em Portugal, desde os vinhos verdes do Minho até aos mais saccharinos e maduros do Douro e Algarve. Póde dividir-se o nosso paiz em oito regiões vinícolas quasi correspondentes a cada uma das antigas provincias. A primeira, a do Douro, é sem duvida a mais notavel do paiz, e póde mesmo dizer-se sem exagero, uma das primeiras do mundo. Não é de certo a mais extensa, mas é a mais rica pela preciosidade dos seus productos.

A região do Minho assignala-se pelos seus vinhos verdes distinctos de todos os outros pela sua aspereza e agrura, resultante de serem fabricados com uvas, que não puderam completar a sua maturação, em virtude do systema alli seguido de enleiarem as videiras aos ramos dos castanheiros e outras arvores, d'onde pendem depois os pampanos, como que *enforcados*. As uvas assim dispostas, longe do sólo e do calor que este lhes reflecte, e protegidas dos raios solares pela copa das arvores, não podem amadurecer completamente conservando-se sempre acidas e tanninosas.

Entretanto estes vinhos, quando bem fabricados, constituem no verão uma bebida agradável, pelas suas propriedades refrigerantes. Dizem os entendedores que estes vinhos, convenientemente preparados e conhecidos nos mercados estrangeiros, deveriam ter boa procura.

A região de Traz-os-Montes produz excellentes vinhos, que são em parte exportados para a Hespanha, affluindo, porém, a maior parte ao mercado do Porto. Compreendem um grande numero de variedades, que poderiam constituir uns dez a quinze typos distinctos.

A Beira-Alta apresenta variedades bastante especiaes, tanto tintas, como brancas, e que agora vão sendo conhecidas fóra da localidade, onde ainda ha poucos annos eram unicamente consumidos.

Na região da Beira-Baixa, que comprehende os districtos de Castello-Branco, Coimbra e Aveiro, produzem-se variedades muito apreciaveis, sendo os mais conhecidos os celebres vinhos da Bairrada. Além d'estes produzem-se muitos vinhos tintos bastante encorpados, que se exportam para o Brazil, e dos vinhos brancos alguns muito generosos.

A França tem importado ultimamente algumas porções bastante consideraveis.

No districto de Castello-Branco é para notar a grande variedade e excellencia dos vinhos, especialmente os da Cova da Beira, que, muitos d'elles, rivalisam com os melhores nacionaes e estrangeiros.

Os vinhos de Tortosendo, Alpedrinha, Fundão e Valle de Prazeres, delgados, suaves, aromaticos e bastante alcoolicos, constituem um dos mais preciosos typos dos vinhos portuguezes. É pena que sejam ainda tão pouco conhecidos fóra da localidade que os produz.

Na região da Extremadura são notaveis, entre muitos outros typos, os vinhos de Collares, Carcavellos, moscatel de Setubal, Santarem, Bucellas, Torres Vedras, Torres Novas, Lavradio, Cartaxo, Termo, etc. Alguns d'estes, como os de Setubal, Collares, Bucellas, Carcavellos, constituem verdadeiras especialidades, conhecidas com vantagem nos mercados estrangeiros.

Outros, de sua natureza muito cobertos e encorpados, como os do Termo de Lisboa, prestam-se a todas as preparações, e são optimos para lotar com outros vinhos, o que os torna muito procurados para a exportação.

Os vicultores do Cartaxo tornam-se notaveis pelo esmero do cultivo das vinhas e do fabrico dos vinhos, por isso a reputação d'estes augmenta d'anno para anno, sendo muito procurados para exportação para a America e para as nossas possessões do ultramar.

A cultura da vinha no Alemtejo augmenta progressivamente e os seus vinhos, se não são superiores aos da Extremadura, rivalisam bem com elles; pena é que os processos da vinificação sejam ainda tão defeituosos.

O mesmo se pôde dizer dos vinhos do Algarve, os quaes se fossem melhor fabricados e preparados poderiam rivalisar com os vinhos da Madeira, Malaga e de Xerez. Os mais estimados são de Tavira, Olhão e Portimão.

A producção total do vinho em Portugal anda por 3.720:000 hectolitros no valor de vinte e tantos mil contos de reis.

Acha-se distribuido pelo seguinte modo:

Consumo interno.....	2.800:000	hectolitros
Exportação.....	369:388	»
Fabrico do vinagre, distillação, etc...	550:612	»
	<hr/>	
	3.720:000	»
	<hr/>	

O valor médio da exportação nos cinco annos decorridos de 1869-73 foi de 8.423:450,5239 reis.

Por estes numeros se pôde vêr que enorme riqueza nos vai destruindo o phylloxera. A região do Douro, a que mais contribuiu para ella, está quasi completamente aniquilada e o terrivel insecto vai estendendo os seus estragos por extensões consideraveis em todas as outras regiões.

Quaes serão os resultados futuros d'esta crise que atravessamos? Ninguem, e eu muito menos, o poderá prophetizar. Entretanto o melhor que temos a esperar, em quanto a mim, é um resultado analogo ao do *oidium*, isto é, que um conjunto de circumstancias nos permita o viver com o mal, na impossibilidade de o debellarmos completamente.

O que é d'absoluta necessidade é que se desterrem as praticas rotineiras, muitas vezes perigosas, a que se encontra aferrada a generalidade dos viticultores.

Um descuido trouxe da America o phylloxera, mas é fóra de duvida que um estado de enfraquecimento geral lhe preparou nas nossas vinhas um *habitat* apropriado ao seu desenvolvimento.

Entre outras causas temos porventura a reproducção da vinha por meio de bacellos, que se por um lado é facil de levar a effeito, por outro lado tem sérios inconvenientes. O bacello é uma parte cortada da planta, com pontos de facilimo accesso á acção de todas as causas destruidoras; junto do golpe fica sempre uma porção de tecido morto, que as acções physicas e chimicas do sólo vão ajudando a decompôr. Esta decomposição communica-se aos tecidos adjacentes e a caria não se faz esperar ordinariamente. Estas decomposições e fermentações constituem um meio favoravel ao desenvolvimento dos insectos. Accresce a circumstancia das vinhas terem mostrado sempre um enfraquecimento na vegetação e na producção desde a invasão do *oidium*.

Não foram estas decerto as causas que determinaram o apparecimento do phylloxera, mas é innegavel que haviam de favorecer o seu desenvolvimento, a sua propagação e determinar pelo contágio o ataque de outras vinhas, fortes e sãs.

Os estragos do phylloxera chamam já entre nós a attenção dos viticultores para o melhor grangeio das suas vinhas, e oxalá que este exemplo se propague.

A destruição dos vinhedos da França determinou da parte d'este paiz a procura dos nossos vinhos. Illudidos com as vantagens que lhes proporciona, tendem os viticultores portuguezes a subordinar a organização dos seus vinhos ás exigencias do mercado francez. Este, porém, não offerece as condições necessarias para podermos contar com elle por muito tempo, porque as causas que determinaram da parte d'elle a procura dos nossos vinhos, são puramente transitorias, e tendem a desaparecer, muito mais agora

que a Argélia vai entrar em campo, com a vantagem de não pagar direitos d'entrada em França.

Por este facto não pôde deixar de se censurar o procedimento de quem formulou o programma da Exposição dando como um dos seus principaes fins o colleccionamento dos typos mais aptos para fornecerem o commercio francez. É realmente dispôr d'um horizonte economico bastante limitado.

Além d'isto a França não quer os nossos vinhos de pasto para consumo proprio, mas para preparar com elles os seus vinhos e os reexportar d'este modo para a Inglaterra e America e outros paizes. Não nos seria portanto mais vantajoso exportar os nossos vinhos directamente para esses paizes, onde elles appareçam com a sua organização propria e o seu nome, do que com um nome de emprestimo, um nome estrangeiro?

Pois os nossos vinhos não poderão servir senão para lotar os vinhos francezes, para fabricar Bordeus, para falsificar Madeira e Porto, com a mais criminosa indiferença dos nossos agentes consulares? Com que direito, e com que fundamento se decreta officialmente a incapacidade dos nossos vinhos e dos nossos viticultores, quando a censura deve caber aos governos e aos seus agentes que não empregam os esforços em favorecer a admissão dos nossos vinhos nos mercados que mais lhes convém?

A escala alcoolica, por onde se regulam os direitos d'entrada dos vinhos em Inglaterra, protege os vinhos pouco alcoolicos, como são a maior parte dos francezes, desfavorecendo em extremo os nossos, mais alcoolicos, que pagam um direito superior em 150 % ao d'aquelles.

Tem-se feito esforços para alargar um pouco mais a escala, mas os interesses da França oppõem-se a isso e nada se tem conseguido até hoje.

A nossa viticultura estava sufficientemente representada na Exposição agricola, o que deu occasião a poder levar-se a effeito o estudo completo dos nossos vinhos, de que agora foi encarregado o Instituto geral d'agricultura.

Foi esse um dos bons resultados da Exposição agricola de 1884.

(Continúa).

FILIPPE DE FIGUEIREDO.

POESIA PHILOSOPHICA E SCIENTIFICA

(Continuação)

II

M.^{me} Akermann é a personificação d'esta poesia. Nas suas estrophes, que traduzem um conflicto dilacerante entre as revoltas contra um passado ominoso que ainda se impõe e as atormentadoras perplexidades perante as nevoentas incertezas do futuro, resoam anathemas, gritos de cólera e desespero, de uma alevantada inspiração que pena é seja por vezes prejudicada pelo tom declamatorio.

Já véem de uma longa incubação estas tentativas de inspiração scientifica, que começaram em Lucrecio e se continuaram no fim do seculo XVIII sob o vaticinio de Voltaire que presentiu os novos destinos da poesia.

A primeira alliança poderosa e perduravel da poesia com a philosophia realisa-a o Fausto ; mas é sobretudo no poema *A invenção* de A. Chénier que apparece uma tentativa de evolução puramente scientifica na poesia.

O mallogrado poeta, sem se emancipar do culto pela antiguidade e pela tradição mythologica, acalentava esta aspiração de desbravar veredas novas á poetica sob a influção dos progressos nas sciencias phisicas e naturaes. Elle comprehendeu como a historia verdadeira do céo, da terra, de toda a natureza prodigalisaria ao poeta um novo cabedal de brilhantes imagens, de viveza e colorido na expressão, e sobretudo de elevação no pensamento. Na sciencia

ha todos os elementos para fazer resoar as cordas da poesia grandiosa e vibrante, sem se decahir na aridez do poema didactico de Delille ; mas no tempo de Chénier ainda era cedo para se fixar n'uma fórmula definitiva a nova idéa, que só podia ter a sua plena consagração perante o grande movimento da sciencia moderna. É só n'um periodo mais avançado que a sciencia pôde opulentar bastantemente o seu thesouro de elementos poeticos e suggerir no conjuncto dos largos pontos de vista e das vigorosas generalisações a alteza da ideia de par com a intensidade da emoção, embora pareça á primeira vista, que é justamente n'este grau de complexidade, á medida que a sciencia se vae emancipando da incerteza das hypotheses para reduzir os phenomenos a um vigoroso determinismo, que menos conciliavel se afigure a imaginação poetica com o positivismo scientifico.

Desde que o poeta não se proponha doutrinar como o sabio, e fixar no rythmo as formulas e leis scientificas pelo emprego da linguagem technica e pela applicação inflexivel dos methods positivos, este estado avançado e complexo da sciencia não prejudica a poesia, mas sómente produz uma transformação profunda no ideal poetico e no modo de sentir a natureza. É este grande progredimento da sciencia, que vae de par com o desenvolvimento das energias mentaes e sensorias, que opéra uma renovação completa nos aspectos da creação : a natureza como que nos apparece segunda vez creada, e a poesia, como toda a obra d'arte, é sempre um producto da imaginação creadora que se inspira na verdade natural e interpreta a natureza, mas a natureza a seu turno interpretada pela sciencia.

Deixando ao sabio a demonstração didactica e o que ha de mais escabroso no seu labor especulativo, fica sempre na sciencia alguma cousa de grande e maravilhoso, proprio a impressionar a imaginação e a emocionar a alma.

Nas grandes alturas, por entre a aspéra desolação dos eternos gelos e a rudeza das aridas penedias plutonicas, veveja tambem uma flora delicada e encantadora na sua nativa singeleza. O poeta vae com o sabio a estas eminencias escabrosas para colher a exotica flôr que desabrocha nas fendas dos rochedos, suspensa sobre os abysmos temerosos e mais proxima do céo.

Á poesia da lenda, do mytho, da superstição, sem a qual Goethe não comprehendia a inspiração poetica, succede a poesia do maravilhoso na sciencia. Para esta poesia o mysterio interna-se cada vez mais na profundeza do infinito, rechaçado pela verdade triumphante.

Ao poeta moderno patenteiam-se novos thesouros de inspiração na contemplação do cosmos através da sciencia hodierna, muito

mais impressionador do que o entrevisto pelo prisma das ficções religiosas; na comprehensão do universo que nos conturba, alargando-se até aos infinitamente grandes e reduzindo-se até aos infinitamente pequenos; no desdobramento de grandiosas perspectivas que nos dão uma vertigem mais impressionadora do que a de Pascal perante o *silencio eterno dos abysmos infinitos*; no retrospecto aos periodos geologicos da formação do globo, ás épocas da vida primitiva na sua evolução e transformação; na lucta homérica pela existencia; na batalha heroica do homem com a natureza, grande na sua fragilidade até submeter pelo poder da sua intelligencia as forças titanicas da natureza ao dominio da moderna industria, que modifica e aperfeçoa incessantemente as condições da vida social.

O entusiasmo e o verdor da nossa mais delicada sensibilidade, a parte do nosso sêr mais intimamente confinada com a poesia, não repulsa a sciencia na expressão mais elevada e transcendente d'aquelles multiplos aspectos. No seu arido involucro tambem se recata a mysteriosa efflorescencia da inspiração que tanto se desata no ar limpido, embriagado de luz, como na caverna onde faisca um labyrintho de iriadas stalactites. Um pedaço de gêlo, visto ao microscopio, densentranha-se n'um microcosmo de maravilhas, e no fundo d'este sepulchro de ferro, chamado idade média, borbulhou uma poesia, do mesmo modo que da podridão rebenta a flôr radiosa dos tumulos. Dante é a potestade, apontada com supersticioso terror pela credence popular, que despedaça a pedra d'este sarcophago, e surge com um poema immortal, symbolo do mystico fervor que tortura os espiritos n'este longo periodo de barbarie, superstição e aviltamento. Depois, já em pleno triumpho da Renascença, Tasso e Camões, interpretes do espirito cavalheiresco e aventureoso que suscita o valor heroico pela religião e pela patria, acabam de extrahir ao obscurantismo medieval toda a poesia que não ficou dispersa nos cantos dos trovadores.

E, não sendo na sciencia, onde estão as suggestões novas de uma poesia como a que nos dous cyclos da civilização pagã é symbolisada na *Iliada*, na *Odyssea*, e na *Eneida*, como a que se synthetisa na *Divina Comedia*, na *Jerusalem libertada*, e nos *Lusíadas*, triplíce manifestação do pensamento na idade média sob a influencia da mesma ideia religiosa?

Então a imaginação, evocando as eras extinctas, realça-lhe o brilho poetico. Esta evocação artistica, através as nevoas do passado, tem alguma cousa do encanto feerico de um bom sonho e das illusões prestigiosas na esfumada luz de uma noite de luar.

As velhas fontes da inspiração exhaurem-se, e só na sciencia, que é o resgate da humanidade, a poesia pôde haurir os alentos de

uma energia renovadora. Então a poesia é a um tempo creadora de imagens e de idéas. A idéa scientifica transparece radiosa na imagem poetica, como as areias do deserto se reflectem mais bellas na miragem.

A poesia que vive n'um seculo essencialmente scientifico precisa de se familiarisar com a sciencia, para poder arrancar a esta alma moderna, irrequieta e incandescente as suas vozes mais eloquentes, os seus accentos mais patheticos e pungitivos, os seus gritos mais lancinantes, as suas cóleras, os seus desesperos, as suas ancias ou os seus desalentos e triumphos.

N'esta evolução imprime-se um impulso mais poderoso e o lema — liberdade e originalidade na imitação dos modêlos, transmuta-se na fórmula — liberdade e originalidade na interrogação da natureza interpretada pela sciencia.

Como a musica que já se não contenta com os rendilhados da melodia italiana, a poesia aspira a abranger na sua expressão a orchestra ingente e complexa da harmonia universal. Quantos sons, quantos ruidos no grande concerto da natureza escapam ao nosso ouvido? Um orgão auditivo mais perfeito aperceber-se-hia de tantos outros rumores estranhos que a intelligencia adivinha — o susurro das seivas esfervilhando nas arvores, o ruido surdo das energias immanentes da natureza em latente laboração, a trepidação sonora dos raios luminosos, a vibração harmoniosa dos corpos celestes no espaço.

Com os progressos scientificos a intelligencia alarga-se, o systema nervoso desenvolve-se e a actividade dos sentidos augmenta.

O poeta e o sabio, caminhando parallelamente para o mesmo fim, exercitam a sua actividade em espheras diversas e independentes. Ao sabio cabe em partilha a tarefa mais fatigante e escabrosa; como a define Claude Bernard, é o esforço perseverante que se obstina de obstaculo em obstaculo, sem repouso nem goso prolongado após o triumpho. O sabio mal se detem rejubilado e victorioso ante uma descoberta; são-lhe defezas as longas expansões do goso; caminha sempre com uma fatalidade de Ashaverus na senda infinita do incognoscivel, devassando após um horisonte outro horisonte mais vasto e longinquo. O poeta, fitando do apogeu do saber humano os seus olhos de vidente no futuro da humanidade, faz de todo este labor colossal que o precede uma synthese, uma apotheose, uma poesia glorificadora e com ella emociona a alma, prepara os espiritos para a comprehensão das novas verdades, incende os enthusiasmos para a conquista de outros ideaes, e então os novos cantos homericos e as canções trovadorescas d'estas modernas cruzadas incruentas.

Já se escreveu que é mais facil exhaurir-se a imaginação do

que fatigar-se a natureza em suscitar-lhe novos estímulos de inspiração ; mas é a sciencia sobretudo que se deve esta revivescencia inextinguivel da inspiração. O mundo é velho, mas rejuvenesce pela sciencia, renová-se pela comprehensão cada vez mais completa da natureza. O movimento scientifico, correspondendo a um augmento do poder mental, faz com que a intelligencia moderna sinta a natureza com uma plenitude de verdade cada vez mais completa.

Passaram os tempos em que o poeta era o antipoda do sabio; extinguiu-se a velha antipathia, de que já rezava Platão, entre a arte e a philosophia ; o inveterado antagonismo declina desde o seculo xvii, embora substituido no seculo immediato pela preoccupação de submeter a arte á tutela da moral philosophica. Mas a arte, que tende cada vez mais á expressão perfeita e verdadeira da natureza, emancipa-se da moral philosophica como da moral religiosa, e, sem alienar a sua independencia, recebe as suggestões da sciencia para entrar em communhão mais intima com a natureza.

(Continúa).

JULIO LOURENÇO PINTO.

ENSAIOS DE ECONOMIA POLITICA

(Continuação)

A ampliação de utilidade n'um objecto, satisfazendo muitas necessidades ou muitos individuos, resulta ainda de uma perfeição no trabalho que traz como sempre uma baixa no valor : « O desperdicio de substancias resultando das operações diversas ás quaes o trigo é submettido, com o fim de aperfeiçoar a apparencia do pão que d'elle se fabrica, é ávaliado n'um quarto da quantidade total ; e este desperdicio, em 20 milhões de quarters necessarios ao consumo da Inglaterra, equivale á cifra de cinco milhões. Se toda esta quantidade fosse economisada, a utilidade do trigo augmentaria consideravelmente ; mas o accrescimo correspondente da facilidade com o qual se poderia obter a substancia alimentar, seria acompanhado de uma diminuição consideravel de valor . . . »

« Acontece o mesmo com os metaes preciosos, cujo valor diminue á medida que a sua utilidade augmenta. A massa immensa de ouro e de prata, accumulada em França, é inutil á sociedade ; e o valor elevado no qual se mantêm estes metaes, é devido ao facto da sua accumulção. Se toda esta massa fosse entregue á circulação, a moeda tornar-se-hia abundante, e o interesse tenderia a baixar, ao mesmo tempo que o preço do trabalho se elevaria. Se olhamos em torno de nós, vemos que é nos paizes, onde estes metaes fazem menos serviços ao individuo, que são estimados com maior valor ; e que ahi o seu valor em trabalho e em terra diminue, á medida que chegamos a esta sociedade onde fazem os serviços os mais consideraveis : a Nova-Inglaterra, e particularmente nos estados manufactureiros de Rhode-Island e de Massachussets. Passando-se assim as cousas, podemos facilmente perceber como é que os metaes tendem por toda a parte a *sahir* dos paizes onde o interes-

se é elevado *para* aquelles onde é baixo. Nos ultimos, o seu valor diminue constantemente, e esta diminuição é necessariamente acompanhada de um accrescimento constante na facilidade de os applicar aos diversos usos aos quaes são proprios, umas vezes na duradura dos livros, outras nas suas conversões em facas, colheres e garfos ou outras modificações nas suas fórmãs de modo a servir aos usos, ou a satisfazer os gostos dos seus proprietarios.» ¹

É ainda um característico de perfeição no trabalho e baixa no valor — a grande utilidade achada na materia ou o grande numero de agentes utilizados. Pelo contrario, uma sociedade que para satisfazer uma necessidade se serve de uns poucos de instrumentos, é um signal de pouca especialisação de funcções, de necessidades grosseiras. O trabalho ahi deve ser ordinario, custoso, pouco auxiliado pelos agentes naturaes; deve, n'uma palavra, produzir pouco e objectos com muito valor.

De tudo que deixamos dito se póde concluir, que *utilidade* e *valor* andam na razão inversa um do outro, e que, sendo o trabalho mais perfeito, fazendo mais em menos tempo, encontra um maior numero de cousas por renumeração, isto é, vale mais.

Podemos chegar á mesma conclusão de um outro modo. Vimos que a utilidade estava latente nos agentes naturaes, que para nos servir só apparece, quando o homem sintã d'ella a necessidade. É por isto, que podemos definir *utilidade* o serviço gratuito da natureza. Mas esta utilidade aproveitada auxilia-nos, desenvolve-nos.

É ainda a acção do meio desenvolvendo as nossas faculdades latentes, de modo que claramente se vê, que faz que quanto maior fôr a utilidade achada na materia, maior é tambem, mais desenvolvido está, mais poderoso e maior valor tem o trabalho.

Então o gráo de utilidade achada na materia mede o poder que o homem sobre ella tem; e como a utilidade anda na razão inversa do valor das cousas, o poder do homem, o valor do seu trabalho apresenta tambem esta relação.

Os economistas, porém, dão ainda como fundamento do valor outras causas que não têm razão de ser.

Apresentam como uma d'essas causas a troca. Ora é no acto da troca que comparamos o valor das cousas entre si, ou d'estas com o trabalho, e é sobre esse valor que ella se faz. « Supponha-

¹ Carey, *Principes de Science sociale*, pag. 203, vol. I.

mos, diz P. Smith, que o selvagem que tem um arco e que com este instrumento possui o poder de procurar em um dia tanta caça quanta podia matar anteriormente em dez dias, descobre na extremidade opposta da ilha um outro selvagem que não tem arco, mas que faz um anzol de um osso recurvado, e que lhe offerece carne de cabrito-montez em troca do seu peixe, sobre que base trocariam? O pescador tem peixe que lhe custou nove horas de trabalho; o caçador offerece-lhe tanta caça quanta um homem armado de um arco e de frechas pôde, em media, abater em uma hora, o que equivale a um trabalho de dez horas para aquelle que não tem estes instrumentos. O pescador diria: « Em nove horas posso apanhar tantos peixes e de uma tão boa qualidade, mas custar-me-ha dez horas para obter tanta caça. » Ha para elle um ganho de uma hora n'esta troca; e, ainda que saiba que o homem do arco faz um ganho de nove horas comprando-lhe o peixe em logar de o pescar, não é isso um obstaculo ao mercado. A troca faz-se, com lucro mutuo das partes, e o caçador volta para o seu lado da ilha, não sem ter observado, comtudo, quanto lhe seria facil de se provêr de um anzol e de uma linha, e pescar quando lhe aprouvesse. »

« O pescador está preso á praia falto de um barco; vê fluctuar uma arvore, e vem-lhe a ideia de que ella poderia ser cavada pelo fogo, e o exterior talhado com um machado grosseiro, feito com uma pedra presa a um pau com uma correia. Chega a construir um barco, e, agora livre para deixar a terra, pôde costeal-a á sua vontade, ou afastar-se á procura de peixes maiores n'uma agua mais profunda. Adquiriu com a ajuda de um agente natural, o poder da agua para sustentar o seu barco; mas é-lhe preciso despender uma força muscular para impellil-o com o remo. Quando aprendeu a fazer uma vela, o vento encarregou-se de mover o barco. Pôde ampliar as suas viagens a alguma distancia, — o sustento necessario para conservar um homem que rema é economisado, — e o trabalho que é assim substituído pôde applicar-se directamente á producção dos alimentos, ou indirectamente, n'uma maior quantidade, á construcção de barcos e velas, de arcos e frechas, o que permite a uma terceira pessoa de produzir alimentos em menos tempo que o anterior remador não podia fazel-o com os seus esforços. Podemos suppôr que o poder do pescador se duplicou. Depois de se ter provido em um dia de tantas libras de peixe quantas outr'ora podia pescar em dez, como pôde trazer a carga, faz vela em roda da ilha e pára em frente da cabana do caçador, propondo-lhe de novo a troca por caça. O caçador sente que é do seu interesse dar a sua caça, que lhe custa dez horas de trabalho, pelo peixe que elle, sem barco, não poderia procurar senão em dez, ainda que ella não custasse senão uma ao pescador. O barqueiro, do seu

lado, collocado nas mesmas circumstancias em relação á caça, raciocina do mesmo modo.» ¹

Avaliam os productos pelo trabalho que lhes custam e pelo que economisam, quando os alcançam pela troca; e quando a cooperação gratuita dos agentes naturaes é egual de ambos os lados, isto é, quando o trabalho é d'ambas as partes igualmente ajudado por esses agentes, a troca faz-se em termos eguaes.

Apresenta-se ainda como fundamento do valor a *raridade*, e esta como augmentando esse valor aos productos. Se considerarmos que um objecto é tanto mais raro quanto menos preciso ou quanta maior resistencia nos offerece para obtel-o, veremos que a sua raridade depende do grande custo em trabalho que n'elle se emprega. As minas de ouro não se pôde dizer que sejam raras, o pouco ouro explorado depende da pouca intensidade da necessidade que satisfaz, d'onde resulta o grande atrazo nos processos d'exploração. É por os economistas não distinguirem a utilidade e a sua maior ou menor extensão, que A. Smith diz: «As cousas que têm mais valor no uso, não têm muitas vezes senão pouco ou nenhum valor em troca, e as cousas que têm o maior valor em troca não têm muitas vezes valor em uso.» ² O valor em uso é a utilidade, e o valor em troca é o dado pelo trabalho, o unico que existe e sobre o qual a troca se funda.

Das necessidades serem mais ou menos intensas resulta ser um producto mais ou menos procurado, mais ou menos explorado; resulta o que os economistas chamam a *offerta* e a *procura*, de que formam um outro elemento do valor. A raridade ou a abundancia, que d'aqui resultam, são apenas temporarias. As funcções de relação são intermittentes, intermittentes são as manifestações, o trabalho da Humanidade, e sobre esta intermittencia que no intimo é apenas apparente, não se podem deduzir leis. E dizemos apenas apparente, porque durante o repouso do orgão se fazem as trocas moleculares.

Mas assim como essas trocas são tanto mais rapidas, e o desenvolvimento do orgão é tanto maior quanto maior é o exercicio, o que se nota pela menor fadiga e menos necessidade de repouso, assim tambem o grande consumo excita a grande producção e a

¹ P. Smith, *Manuel d'Economie politique*. Trad. franc. de C. Baquet, pag. 75.

² *Richesse des Nations*, liv. I, chap. IV; apud Y. Guyot *Science economique*, pag. 58.

raridade é de menos em menos temporaria. E o grande consumo de que provém senão do trabalho empregado n'outros productos, que cada um dá em troca? e a troca como se faz senão pela comparação dos valores do producto, que se dá em troca e do que temporariamente se tornou raro, da comparação do trabalho com trabalho?

Poderá ainda a raridade ser natural, isto é, o objecto ser realmente raro. Agentes naturaes não conhecemos nenhum onde isto succeda. As perolas, os diamantes são raros pela difficuldade e pouca perfeição de trabalho na aquisição. Nos productos, nas cousas trabalhadas vemos isso, mas n'esse caso o valor estimativo dão-lh'o meia duzia de individuos, como por exemplo acontecerá com uma edição antiga de um livro, os *Lusiadas* por exemplo.

E não se pense, que o valor depende da estimação mais ou menos idealizada por um individuo. Como vimos, são os effeitos da reacção das funcções de relação sobre o meio que formam o campo da Economia politica e n'esta, só o conjuncto d'essas reacções dos differentes individuos, nos importa; isoladas pertencem á hygiene.

Que importancia tem avaliar um individuo uma cousa como lhe pareça, se a sociedade em que vive não lhe dá esse valor?

É por se não ter em consideração esta verdade, que se formam illusões e sophismas. — Vamos apresentar alguns exemplos. Garnier diz, que o valor resulta da troca « ou o *poder* residente n'uma cousa para obter, adquirir uma riqueza equivalente ou da mesma importancia. » ¹ D'esta vaga noção já ouvimos a seguinte explicação: Supponha-se, por exemplo, que um individuo edificou uma casa n'um logar distante e isolado ou de taes dimensões, que quem se acha nas condições de a alugar, possa construir uma igual; o possuidor não a póde alugar, não a póde trocar e a casa fica sem valor. Para refutar este sophisma basta pensar, que este possuidor não se sabe governar. Em segundo logar, é um caso isolado, e que sobretudo é uma hypothese e quem faz hypotheses d'esta natureza, está inventando, saberá fazer historietas, mas não sabe o que é — Sciencia. E finalmente a Humanidade é um grande sér cujas funcções resultam do conjuncto das funcções dos diversos individuos, e é n'esse conjuncto que ellas são estudadas por uma sciencia, a Sociologia. Ora a Economia é uma parte d'essa sciencia.

Ainda aquelle economista, apresentando em ultimo logar como

¹ *Traité d'Econ. politique*, pag. 271.

fundamento do valor, o trabalho empregado na confecção dos generos e analysando a importancia relativa das diversas cousas que elle julga darem valor, diz: « o que produz confusão é que o quarto fundamento (*trabalho*) póde entrar até um certo ponto no terceiro (*raridade*). Quanto maior é a difficuldade de produzir, maior é a necessidade do trabalho que a producção necessita e mais se eleva o *custo* ou *gastos de producção*, menos abundantes são os productos e mais caracter de raridade têm, constituindo o segundo. » ¹ De modo que a raridade não é uma consequencia da resistencia em obter os productos, isto é, um maior emprego de *trabalho*, mas uma entidade, um não sei quê de vago que só o economista tem a honra de conhecer.

Porém as confusões e sophismas vão mais longe. Já vimos que desce o valor dos productos, porque exigem menos trabalho; ou porque este fazendo mais em menos tempo, exige em remuneração maior quantidade d'esses productos. Ora é assim que se avalia o trabalho economicamente. Avalia-se, aprecia-se, como dizia o distincto Dunoyer, pelo que elle produz. Pois bem, esta clara noção estragaram-na os economistas. J. B. Say quer avaliar o trabalho pela acção, pelo acto, póde-se dizer pela força dispendida como se avaliaria em biologia. A Economia não póde ficar estranha a essa avaliação, — basta vêr a sua dependencia hierarchica, mas não póde tambem metter-se no que lhe não pertence. Querer metter n'esta scienciá as duas avaliações como faz Garnier, dizendo que o operario produz duas cousas, o trabalho e o genero que fabrica, dá logar a perguntar, que effeito tem o trabalho sem ter a que se applicar, sem apresentar producto; e mais, se são duas cousas, como se arranja um producto sem trabalho?

E basta. Ha muitos sophismas que o bom senso de cada um destroe. Por qualquer lado que encaremos esta questão, podemos concluir que o valor é « a apreciação por nós feita da resistencia que será preciso vencer antes de entrar na posse do objecto desejado » e que na avaliação do trabalho ou dos generos devemos vêr que « esta resistencia diminue com o desenvolvimento no poder que adquire o homem de dispôr dos serviços sempre gratuitos da natureza; » d'onde resulta vermos « em todas as sociedades em progresso um augmento constante no valor do trabalho quando se avalia em generos e uma diminuição no dos generos, quando os avaliamos pelo trabalho. » ²

(Continúa).

J. EDUARDO GOMES.

¹ Garnier, *Op. cit.*, pag. 278.

² Carey, *loc. cit.*, pag. 166, vol. 1.

BIBLIOGRAPHIA

Bosquejos ethnologicos, por CARLOS KOSERITZ. Porto Alegre.
Typ. de Gundlach. 1884. Broch. in-8.º grande, de 83 pag.

Não se pôde em um menor numero de paginas reunir uma somma de factos e de interpretações sobre a antiguidade do homem pre-historico da região do centro e sul do Brazil, como o conseguiu o illustre anthropologista Carlos Koseritz; para isto achava-se elle em condições especiaes, porque tendo explorado essa região durante quinze annos consecutivos, chegou a reunir uma enorme quantidade de monumentos archeologicos da existencia do homem americano e das fórmias da sua actividade, que o levaram a poder formular já algumas conclusões fundamentaes para a historia. Infelizmente no incendio acontecido na Exposição Anthropologica do Rio de Janeiro, perdeu aquelle consciencioso investigador cerca de dois mil objectos, que eram a parte mais preciosa da sua collecção. Em artigos publicados na *Gazeta de Porto Alegre*, descreveu o snr. Koseritz esses objectos de mais importancia historica, vindo a colligir ao fim de tres annos no presente opusculo sob o titulo de *Subsidios ethnologicos*, esses artigos, juntamente com outros trabalhos analogos, taes como a Hypothese de uma communicação dos phenicios com a America do Sul, e noticias sobre os Sambaquys de Conceição de Arroio, um Enigma ethnographico ou uma inscripção gravada em uma pedra vermelha, e sobre os Sambaquys e o Craneo da Cidreira. É uma contribuição modesta na fórmula, mas de uma indisputavel importancia para a archeologia pre-historica e ethnographia da America do Sul. O snr. Koseritz prova como a idade de pedra, na America do Sul, não passou pelos periodos da pedra lascada e polida, chegando até aos tempos historicos, transitando-se para o emprego do ferro, e como nenhum vestigio de objectos de bronze se encontra na região meridional do Brazil.

O atrazo evidente da raça americana n'esta região, que o eminente ethnologo equipára á situação dos australianos, é difficil de explicação tanto mais que pelo norte recebera a influencia da cultura dos Aztecos; como se prova pela fórma dos seus cachimbos, e pelo oceano receberam a influencia do contacto com os exploradores phenicios, o que se infere dos ornatos chamados perolas de vidro colorido. O snr. Koseritz apresenta uma theoria de decadencia, deduzida do costume de fumarem narcoticos: « A diminutissima resistencia que a raça americana tem opposto aos invasores, a sua progressiva e innegavel degeneração, que a final conduzirá em prazo não longiquo á sua total extincção, pôde talvez ser reduzida ao abuso de narcoticos. É uma ideia que apenas aventamos, levados a isto pela frequencia com que são achados cachimbos entre os utensilios dos selvagens de remotas épocas; etc. N'esta nossa supposição acha-se a razão por que nos occupamos mais detidamente com os cachimbos dos bugres, que a nosso vêr offerecem interesse especial, justamente por serem uma especialidade do homem primitivo da America, em toda a extensão de norte a sul. » (p. 20) Não é sem importancia a consideração d'este facto, quando raças mais elevadas em civilisação, como a chinesa, soffrem a consequencia do abuso dos narcoticos. O snr. Koseritz recapitula em algumas linhas o resultado do exame d'esses numerosos documentos: « Considerando o conjuncto dos dados que colhemos pelo estudo dos objectos da nossa collecção e pela comparação com os documentos pre-historicos de outros povos, chegamos á conclusão, que o nosso homem primitivo foi um dos mais atrazados em civilisação relativa. Não ha d'elle vestigios de arte; a unica cousa que sabia era trabalhar a pedra e fazer vasos de barro. Não ha signal de um culto qualquer, nem objecto que, de longe sequer, possa ligar-se a esse assumpto. A unica cousa que se sabe, é que os selvagens d'esta região usavam enterrar os ossos quebrados dos seus defuntos em urnas de barro. Seus alimentos principaes foram, além da carne da anta, da paca, do veado e dos outros animaes que caçavam, o pinhão e o mel, porque o milho data da época historica. Seus pontos de reunião eram os altos morros da serra, onde ainda hoje se encontram os restos dos seus fogos, e nos rochedos aquellas cavidades oblongas em que aguçavam as setas, gastando as pedras. Onde havia cavernas as habitavam de preferencia, o que prova o facto de encontrar-se restos de cinza dentro ou nas proximidades de todas as cavernas da provincia. Os ossos que se encontram nos sambaquys e nas igaçabas mais antigas, provam que o homem primitivo d'esta parte da America não excedia a estatura mediana, que tinha cabeça pequena, mais comprida do que redonda, craneo de immensa grossura, queixos fortemente desenvolvidos com regular inclinação para o prognathismo, — mais ou menos os mesmos signaes característicos que Lund achou no homem da *Lagôa Santa*, por elle qualificado como oriundo da época terciaria. » (p. 30) « As armas de pedra aqui achadas são simples, rudemente trabalhadas; as obras ceramicas são grosseiras; a ornamentação é singela e constante de linhas rudimentares; não ha vestigios de outros ornamentos a não ser alguma chapa de cobre, grosseiramente batida, alguns dentes de tigre perfurados ou alguns ossinhos dispostos para collar. » (p. 66).

Na Exposição Anthropologica do Rio de Janeiro, levantou-se a hypothese sobre a navegação dos phenicios no Amazonas e costas do Brazil, sustentada em duas conferencias pelo barão de Tefé; o snr. Koseritz aceitando esta doutrina teve de reforçal-a com novos argumentos contra a impugnação de Aguirre. É esta parte do seu trabalho repleto de uma segura erudição historica e de luminosa critica dos textos de Herodoto e dos geographos antigos: « No Amazonas foram encontrados vestigios phenicios, como nos disse o barão de Tefé, e a existencia da figura de granito apontando para o oeste,

com inscripção phenicia a que se refere o mesmo barão, por si só é grande argumento. Ha porém outro ponto que nos parece importante: É sabido que a unica industria mais adiantada dos indigenas era a arte ceramica. Ora, todos os restos de obras ceramicas mostram a indole das fórmas phenicias e os ornamentos por sua vez combinam com a ornamentação rectilinea dos phenicios. — O ultimo argumento em favor da hypothese phenicia é fornecido pelos ornamentos de vidro, achados em antigas sepulturas de bugres e igaçabas n'esta provincia. — As duas perolas aqui achadas (uma das quaes se perdeu no incendio da Exposição Brasileira-Allemã, ao passo que a outra está em poder do snr. dr. Van Ihering) são de origem phenicia; como prova a comparação com outras perolas de trabalho phenicio existentes nos museus europeus.» (p. 37) Como e quando chegaram os phenicios á America? A descoberta de moedas phenicias nas ilhas dos Açores, como o revelou o dr. Ernesto do Canto no *Archivo dos Açores*, é um facto positivo de que os navegadores phenicios sahiram o Mediterraneo, e tendo chegado áquelle archipelago, alli podiam descobrir para o oéste a existencia de um novo continente, porque ás praias açorianas chegavam, como ainda hoje, as sementes do *dolichos urens* e da *Mimosa scandens* trazidas pela corrente do golfo do Mexico quando recebe as aguas do Mississipi. A lenda da estatua de pedra da ilha do Corvo, contada por Damião de Goes corresponde portanto a um outro monumento phenicio analogo. Póde-se portanto inferir que os phenicios chegaram á America nas mesmas condições em que Pedro Alvares Cabral avançando para o Oceano Atlantico foi levado á descoberta do Brazil.¹ Os modernos trabalhos de sondagem no Oceano Atlantico, levaram á impossibilidade da hypothese de um continente subvertido entre a Europa, Africa e America, ao qual na tradição se dava o nome de Atlantida. Tudo quanto nos transmittiu o passado ácerca d'essa lenda geographica, só póde considerar-se como verdadeiro applicando-o á America. Nas ruinas de Palenque, os baixos relévos representam o typo americano sem barba, e um typo estrangeiro com physionomia semita; ha representação de cabeças de elephante, animal extranho ao continente americano; Avieno descreve o mar de sargaço, o banco de fucco, entre a America e a Europa. No livro sagrado do *Popol-vuh*, descreve-se um chefe iniciador da civilização mexicana, chamado Quetsalcohuatt, que veio através do mar com vinte companheiros, sendo de côr branca, com barba e cabellos pretos, tunica preta, sabendo trabalhar em ouro e prata e conhecedor da agricultura. Que revela isto, senão o advento de um navegador phenicio á America? O mesmo livro diz que regressara para o logar do sol nascente, promettendo voltar. O nome de Quetsalcohuatt sem difficuldade se decompõe nos seus elementos semitas Kadesch-El-Cadir. Uma inferencia não menos importante é a das colonias de Atlantes, trazidas pelos phenicios á Europa, para combaterem os gregos no Mediterraneo, e pelas quaes o snr. Koseritz aventa a relação dos dialectos bascos com as linguas americanas. O conhecimento dos Bascos das pescarias do bacalhau póde attribuir-se tambem a esta colonização primitiva. Na época da conquista hespanhola facilmente se confundiram ele-

¹ O facto repete-se em outras tradições: « Não faltou quem escrevesse que em 1484, Affonso Sanches, que navegava das Canarias para a Madeira, levado pela violencia de um temporal, arribára ás costas da ilha de S. Domingos, d'onde com trabalho voltou á Terceira, conservando sómente quatro homens da sua tripolação; este navegante morreu dos resultados da sua viagem, e as suas memorias e apontamentos sobre aquella derrota pararam nas mãos do celebre Christovam Colombo. » *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras*, t. III, p. 90.

mentos tradicionaes da civilisação mexicana com a hispanica; assim, como diz o P. Costa na *Historia natural da India*, os hespanhoes adoptaram as dansas hieraticas mexicanas dos *Mitotes*, nas suas *Mogigangas*, e os Mexicanos adoptaram romances e redondilhas hespanholas ou *Araviás*, na fórma dos seus cantos heroicos ou *Yaravi*.

Desde muito tempo que presentiamos esta relação historica, mas faltavam-nos factos positivos para a sua comprovação. O trabalho do snr. Koseritz, n'este ponto, traz-nos mais um facto importante para a comprehensão da civilisação primitiva da peninsula hispanica, e das suas relações com as civilisações extinctas da America.

THEOPHILO BRAGA.

Systema de Sociologia por THEOPHILO BRAGA. — Lisboa, Typographia de Castro Irmão. 1884 — 1 vol. de 528 pag.

Quando, ha sete annos, annunciámos ¹ o apparecimento do notavel trabalho de Theophilo Braga — **TRAÇOS GERAES DE PHILOSOPHIA POSITIVA** — lamentámos o numero limitadissimo de paginas que o auctor consagrara á *Reorganisação da Sociologia*, na realidade o assumpto mais importante do livro, e portanto o que demandava maior desenvolvimento. O presente tratado satisfaz cabalmente a nossa observação. Se não é uma segunda edição d'aquella obra, não é tambem um trabalho inteiramente novo, mas sim uma refundição, na qual tomou o primeiro logar, abrangendo os principaes capitulos, a sciencia social, cuja fundação fôra alli apenas esboçada nos seus contornos mais geraes. Por isso o recente volume intitula-se **SYSTEMA DE SOCIOLOGIA**.

De todas as sciencias fundamentaes, que estudam e coordenam as varias ordens de phenomenos que o nosso espirito constata na materia em movimento, a Sociologia, a sciencia que abstrae as leis dos phenomenos mais complexos, é a unica que ainda no presente se acha na época de formação. Presentida, é certo, desde a antiguidade, quando Aristoteles confrontava 171 constituições guiado pelo pensamento de que « a melhor maneira de estabelecer uma theoria, n'este assumpto como em todos os outros, é observar as cousas na sua origem e no seu desenvolvimento »² teve por precursores mais immediatos, no seculo xviii, Vico, Montesquien, Voltaire, Hume, Turgot, Chastellux, de Brosses, Quesnay, Adam Smith, Condorcet e outros, mas só no seculo actual poude entrar directamente em formação devido ao genio preclaro de Augusto Comte, o qual lhe lançou os fundamentos, primeiro no *Curso de Philosophia positiva*, e depois no *Systema de Politica positiva*, os dois maiores padrões da philosophia moderna. Apesar das inevitaveis deficiencias contidas n'estes trabalhos, ainda até hoje não veio a lume tratado algum de Sociologia, que mais completamente satisfizesse ás exigencias da ultima das sciencias abstractas. Se analysarmos um por um os livros posteriormente publicados com o fim de levar a effeito a ideia de Comte, a coordenação scientifica dos phenomenos sociologicos, veremos que uns, mergulhando-se inteiramente nos factos concretos, confundem o dominio da Ethnologia e da Ethnographia com o cam-

¹ *Jornal do Commercio*, n.º 7224, 6 de dezembro de 1877.

² *Politica*, I, cap. I, 3.

po abstracto da Sociologia, como por exemplo Letourneau ¹ no seu tratado, aliás esplendido, e mesmo o grande philosopho Herbert Spencer nos volumes publicados dos seus *Principios de Sociologia* ², e outros, como o positivista Roberty ³ limitam-se puramente a considerações methodologicas e criticas sem tentarem de um modo directo a reorganisação da Sociologia. Theophilo Braga, comprehendendo que a sciencia social não se reduz á comparação de dados ethnographicos, nem a indicações essencialmente philosophicas, mas abrange a observação e a experiencia das Civilisações mais avançadas por fórma que se possa fundar uma theoria ou uma lei geral a que se subordinem todos os factos de qualquer systema social, procurou continuar a obra de Comte, elevando a Sociologia á altura do moderno desenvolvimento scientifico. O livro que temos presente é uma tentativa n'este sentido, louvavel a muitos respeitoes, e digna de séria attenção, ainda mesmo que o seu unico merito consistisse na collocação do problema. Não succede, porém, assim, como veremos.

Mas, na realidade, o SYSTEMA DE SOCIOLOGIA, preenchendo as lacunas e eliminando os defeitos secundarios da obra de Comte, resolve de um modo definitivo a formação da ultima e mais complexa das sciencias abstractas? Não nos parece; é apenas mais um passo para a sua realisação, com franqueza o dizemos. Temos mesmo a convicção que será esta tambem a opinião do auctor, pois que não só confessa « a difficuldade de organisar no seu conjuncto a sciencia abstracta da Sociologia » (pag. ix), como reconhece que esta sciencia para chegar « a abranger o pleno conhecimento do facto social e de todos os seus elementos depende da contribuição de muitas sciencias concretas, umas estudadas sem espirito de conjuncto, outras reduzidas a applicações materiaes, outras mal esboçadas ainda, como a *demographia e a demopsychologia* » (pag. xiii). No emtanto estas construcções provisórias têm um alcance immenso, porque apressam o desenvolvimento das sciencias concretas, as quaes por seu turno reagem sobre a sciencia abstracta, aperfeiçoando-a, e approximando-a da sua formação definitiva. Não discutiremos aqui a maneira mais ou menos scientifica, como o eminente professor do Curso superior de letras entendeu dever architectar o seu SYSTEMA DE SOCIOLOGIA, afastando-se em muitos pontos de Augusto Comte e em geral de todos os sociologistas contemporaneos. Demandaria isso largo espaço e um trabalho rigorosissimo de critica, que provavelmente seria mal interpretado pelos numerosos Zoilos, que o notavel escriptor tem creado durante a sua brilhante e invejavel carreira litteraria. A nossa missão limitar-se-ha, como de costume, quando nos occupamos dos livros de Theophilo Braga, — a uma noticia geral e succinta da obra, acompanhada sómente de mui ligeiras considerações.

No Prologo, que já tivemos occasião de citar, estabelece o auctor os processos empregados na organisação da Sociologia e mostra a necessidade da fundação da sciencia abstracta pelo encadeamento deductivo dos factos, afim de se chegar ás *previsões*, fundadas na immutabilidade das leis, e d'ahi ás applicações praticas da Politica. Assim da sciencia social derivará a arte correlativa. Theophilo Braga fecha o Prologo com estas palavras: « Alargar a área d'essas previsões, comproval-as e acceleral-as pela intervenção politica ou governativa e pela disciplina pedagogica, eis o destino d'esta sciencia, que vem completar a synthese objectiva sobre os dados do

¹ *La Sociologie d'après l'Ethnographie*. Paris, Reinwald 1880.

² *Principes de Sociologie*, tr. fr. 3 volumes. Paris, Bailliére, 1879-1883.

³ *La Sociologie*. Essai de philosophie sociologique. Paris, G. Bailliére, 1881.

mundo exterior, e reorganisar a synthese subjectiva pela dependencia da observação » (xvi). Antes de passarmos adiante, devemos entrar em explicações acerca das syntheses objectiva e subjectiva, a que se refere o auctor. A philosophia subjectiva cahiu com justa razão no maior descredito aos olhos dos sabios, que não viam n'ella mais do que devaneios theologicos e metaphysicos de um espiritualismo pertencioso e banal absolutamente divorciado das sciencias naturaes. As especulações sobre a natureza e a essencia do Eu, da alma humana e de Deus, conduziram os metaphysicos ás consequencias mais absurdas e disparatadas. Por uma reacção inteiramente espontanea, os philosophos scientificamente educados baniram o subjectivismo e lançaram-se no campo das noções reaes, começando a organização de uma philosophia objectiva. Augusto Comte, constatando a incompatibilidade das divagações espiritualistas com o rigor positivo das leis scientificas, foi levado a effectuar a nova construcção philosophica com os dados fornecidos pelas sciencias naturaes. Pela coordenação hierarchica das varias ordens de phenomenos realiso a synthese objectiva, mas á proporção que se foi elevando do factio cosmico, ao biologico e ao social, comprehendeu que essa philosophia não era mais do que a rectificação scientifica do ponto de vista subjectivo, o unico susceptivel de dirigir as applicações, quer moraes, quer politicas, ou pedagogicas. Isto é, a synthese objectiva funda-se pela extensão dos processos scientificos e methodologicos a todas as sciencias, desde as mais simples, como as mathematicas e as physico-chimicas, até ás mais complexas, a biologia e a sociologia, demonstrando plenamente a subordinacção inilludivel do individuo e da sociedade ao condicionalismo cosmico e ao determinismo biologico. Chegando a esta conclusão, ao estabelecimento da dependencia natural do meio, vê-se claramente que o homem tem de sujeitar as suas aspirações ás leis positivas da natureza, mas ao mesmo tempo procurar pelas applicações dos seus conhecimentos reaes o aperfeioamento da especie e o melhoramento das condições da existencia, utilizando as proprias leis em beneficio da humanidade. Eis o criterio subjectivo. Augusto Comte reconheceu-o quando no ultimo volume do seu *Curso de Philosophia positiva* estabeleceu o predominio normal do ponto de vista sociologico e moral sobre o ponto de vista particular de cada sciencia, e diligenciou desenvolver amplamente esta ideia no seu *Systema de Politica positiva*, ainda hoje geralmente tão mal apreciado. Littré, não percebendo o profundo raciocinio do grande philosopho, accusou-o de mudar de processo, quando elle não fizera mais do que tirar as consequencias legitimas para a pratica da sua lucida construcção philosophica. Se se tem condemnado com justiça o amor da arte pela arte, não é menos condemnavel o amor da sciencia pela sciencia, que leva a um especialismo exagerado e a dissertações inuteis por excessivamente restrictas. A sciencia deve ter sempre em vista uma applicação futura, mesmo indeterminada, quer seja para esla-recer a intelligencia, para aperfeioar os sentimentos, ou para melhorar e transformar as condições materiaes. O alvo é o bem da humanidade. Da propria synthese objectiva se tira o ponto de vista humano e social, o criterio subjectivo, necessario para as applicações. Assim se comprova a precisão de reorganisar a synthese subjectiva, como admiravelmente o comprehendeu Theophilo Braga.

Nos *Preliminares* acerca da *Opportunidade da Philosophia positiva na systematisacção da Sociologia* desenvolve o auctor a introducção dos *Traços geraes*, acrescentando-lhe valiosas observações sobre a importancia historica do Positivismo, que lhe tira todo o caracter de invenção ou creação pessoal, e uma demonstração do accordo dos progressos da Psychologia com o pensamento de Comte, relativamente ás tres syntheses — especulativa, affectiva e activa, — das quaes só tentou effectuar a primeira, deixando as

duas ultimas mal esboçadas n'algumas passagens das suas obras. O estado normal para que caminha a humanidade — a sociocracia, — cujo advento será activado pelo estabelecimento das tres syntheses, pôde ser caracterizado, segundo Theophilo Braga:

« 1.º Emquanto á nossa existencia intellectual, depois de ratificadas as noções subjectivas pelos dados concretos da objectividade, pela *subordinação da analyse á synthese*.

« 2.º Emquanto ás nossas paixões, sentimentos e interesses pela *subordinação do egoismo ao altruismo*.

« 3.º Emquanto á nossa existencia em collectividade, pela *manifestação do progresso como consequencia da ordem* » (p. 18).

Estas conclusões, com que estamos plenamente de accordo, resumem-se na bella phrase de Comte: *Agir par affection, penser pour agir*, a qual ao mesmo tempo indica a correlação das tres syntheses.

O SYSTEMA DE SOCIOLOGIA comprehende seis capitulos. No primeiro, *Os principios deductivos da Sociologia*, occupa-se Theophilo Braga dos factores originarios das energias sociaes, mostrando que o condicionalismo physico se traduz nos phenomenos da existencia collectiva pela coexistencia da *ordem* e do *progresso*, a manifestação mais complexa das duas forças ou leis de *conservação* e *transformação*; o determinismo biologico, que faz passar o organismo humano da phase *automatica* para a phase da *consciencia*, estende-se ao organismo social, mudando as instituições *tradicionaes* em *pactos voluntarios*; e enfim o relativismo sociologico, que elimina completamente a noção do absoluto, estabelece o accordo entre a auctoridade e a liberdade, o Estado e o individuo. O illustre professor demonstra aqui admiravelmente a dependencia da Sociologia de todas as sciencias inferiores, tanto as physicas pelas condições do *meio*, como em especial a Biologia, d'onde derivam originariamente os estímulos e os impulsos sociaes. « Estabelecido o caracter de complicação crescente dos factos sociologicos, e a exaggeração dos effeitos, escreve o auctor, desde que outras sciencias se constituíram, todas as suas relações systematisadas em doutrina deductiva ajudarão a decompor as causas aparentemente insensíveis nas suas energias anteriores » (p. 22), por quanto nas sciencias cosmologicas e biologicas, « não ha phenomeno que se não continue na ordem sociologica » (*ib.*). A importancia do methodo deductivo accentua-se n'estas palavras: « Explicar a natureza dos movimentos sociaes, e reduzi-los á simplicidade da forma dinamica, primeiro de ordem biologica, depois de ordem cosmologica, eis o processo *deductivo* em Sociologia, e o modo como o homem tendo um maior grão de consciencia de si saberá conhecer a somma dos estímulos a que obedece n'esse acto de reacção motriz a que chama *vontade*, exercendo-a em cooperar para que as sociedades sejam dirigidas pelas noções scientificas e não pelas necessidades instinctivas » (p. 23). Theophilo Braga accumula n'este capitulo uma espantosa somma de material com que prova a intima relação das leis physicas e organicas com os phenomenos mais complexos da Politica, da Economia, das Artes e das Litteraturas, acompanhando, por exemplo, a acção do condicionalismo cosmologico até aos movimentos oscillatorios de *centralismo* e de *independencia local* que compete á Sociologia coordenar, ou a influencia do determinismo biologico até ás mais elevadas manifestações do individualismo.

No capitulo II, *Dados inductivos da Sociologia*, desenvolve o auctor as relações do meio cosmico, biologico e psychologico com os phenomenos sociaes. Em Sociologia a *deducção* precede a *inducção*, ao contrario do que succede nas outras sciencias, porque, conhecida a dependencia do facto social dos phenomenos estudados pelas sciencias anteriores, mais facilmente se chega ao conhecimento da verdade. « Na passagem das sciencias cosmo-

logicas para as biologicas, escreve acerca d'este assumpto o notavel professor, existem já conhecidas certas leis geraes sobre que se póde exercer a especulação deductiva; esta fórma de critica subjectiva adquire mais intensidade e torna-se indispensavel, quando, ao determinar a categoria dos phenomenos sociologicos, se conhece que todas as leis anteriores se continuam como causas efficientes na actividade moral. Tal é o caracter distinctivo da Sociologia; começa por onde as outras sciencias acabam, pela *deducção* para se limitar á menor somma de inferencias sobre o maior numero de dados inductivos especiaes » (p. 92). Esta mudança, na realidade apenas apparente, corresponde « a uma necessidade e a um grau superior da mentalidade. » A applicação exclusiva do methodo inductivo leva á distincção absurda entre o mundo physico e o mundo moral. Pelo contrario, o processo deductivo, formando espontaneamente uma coordenação scientifica dos phenomenos, mostra a sua intima ligação e indica mesmo a ordem de classificação dos dados inductivos. A solidariedade dos phenomenos vitaes com a acção mesologica exterior constata-se na relação das civilizações com os diversos *meios* em que se desenvolvem. A influencia das montanhas e dos valles, dos rios e dos mares, das ilhas e dos continentes sobre as variadas fórmas de actividade e os diferentes grãos de civilização humana, é tão evidente como a acção da raça, da população, da sexualidade, do exercicio das funções organicas, etc., ou o impulso dado pelos grandes homens, isto é, por aquelles « que facilitam as transições de uma para outra época da humanidade nas suas transformações constantes, tornando-as por qualquer fórma progressivas » (p. 151). Theophilo Braga comprova as suas affirmações com numerosos exemplos, tirados da historia da humanidade, quer dos povos rudimentares ou estacionarios, quer dos que se elevaram aos grãos superiores da civilização. O progresso d'estes ultimos, devido em grande parte ao concurso das condições cosmicas e das necessidades creadas na luta pela existencia, causa inicial da divisão do trabalho e da distincção de certas classes, foi um effeito directo da acção impulsiva da collectividade sobre o individuo pelo desenvolvimento moral, industrial e politico e ao mesmo tempo da reciproca reacção do individuo sobre a collectividade pelo desenvolvimento esthetico, scientifico e philosophico.

Estabelecidos os principios deductivos e os elementos da inducção em Sociologia, ou a methodologia propria d'esta sciencia, passa o auctor, no capitulo III, a considerar a *Theoria do concurso successivo* pelo « estabelecimento da continuidade historica », ou do encadeamento dos factos. « Achada a noção politica da solidariedade occidental através d'essa continuidade no espaço, diz Theophilo Braga, a historia illumina-se, distinguindo o que é esteril ou perturbador como negativo, e o que tende a estabelecer essa acção simultanea ou de conjuneto como positivo » (p. 163). É a parte verdadeiramente dinamica da Sociologia. Para a coordenação dos factos sociaes na sua complexidade crescente dividiu o auctor a marcha da humanidade em antehistorica, proto-historica e historica, correspondendo a primeira aos estados sociaes mais simples que se fundam sómente no instinto das relações sympathicas « communs a todos os vertebrados », a segunda ás civilizações rudimentares, agricolas, pastoraes e metallurgicas e emfim a terceira ao apparecimento dos Arias e sua elevação progressiva com o decorrer dos seculos. As tres raças humanas, amarella, negra e branca, representando tres grãos diferentes de civilização, caracterisam-se respectivamente pelo predomínio das qualidades activas, affectivas ou especulativas; porém nenhuma raça conseguiu levantar-se na escala social sem mestiçagem. Na antiguidade proto-historica o kuschita, no qual predominava o elemento negroide, fundou uma civilização com o caracter affectivo, que posteriormente se conservou no semita, seu affim e successor; pelo contrario no accadio, povo activo, prepon-

derava a raça mongoloide, influencia que não foi estranha ás tendencias emigrantes da raça arica, embora esta se distinga essencialmente pelo seu desenvolvimento especulativo. « As duas grandes raças que entre si disputaram a hegemonia humana, diz Theophilo Braga, fallando dos Semitas e dos Arias, não podem ser comprehendidas na historia sem se estabelecer a sua solidariedade objectiva com os kuschitas e mongoloides, e as suas mutuas relações, como se vê pela influencia semita na civilisação hellenica » (pag. 171). Partindo do desdobraimento das tribus e das cidades, como elementos fundamentaes do familismo patriarchal e do cantonalismo ou pequenas ligas defensivas, o eminente professor desenvolve a successiva cooperação dos Gregos, Romanos e Germanos na civilisação occidental, mostrando a marcha progressiva, deduzida da situação e acção mesologica, sempre perturbada pela politica individual, pelo regimen da força e pelo tradicionalismo theologico. « É esta a evolução espontanea da Europa, diz o auctor, a civilisação occidental manifestou-se em tres peninsulas em que existiam muitissimos Estados livres, mais ou menos confederados; enquanto esses Estados tiveram autonomia iniciaram o progresso da humanidade. A ruina da Grecia começou com a unificação militar de Alexandre e completou-se com a incorporação da unidade romana; as Republicas italianas succumbiram ante a tyrannia ou as traições da unidade imperial allemã ou da unidade papal; os estados hispanicos decaem com a unidade castelhana em Fernando e Isabel, Carlos v e Philippe II, que escravisa a Catalunha e Portugal. A historia da Europa consiste n'esta lucta entre a existencia natural dos pequenos Estados civilizados e democraticos e a unificação imperial, catholica, monarchica e dynastica, acobertada com a infame divisa do *equilibrio europeu* » (p. 209). Por uma serie infinda de revoluções e retrocessos n'esta lucta de trinta seculos tem effectuado a humanidade a sua passagem da organização theocratica para a organização sociocratica, que o estado actual da Sociologia já nos deixa prever. Augusto Comte, com a sua lucidez extraordinaria, indicou este alvo como o estado normal da humanidade.

No capitulo IV, *Theoria do concurso simultaneo*, procura o auctor coordenar os factores sociaes pela determinação das tres syntheses — *activa*, ou transformação da actividade militar em actividade industrial; *affectiva*, ou preponderancia crescente do altruismo sobre o egoismo; e *especulativa*, ou triumpho do positivismo sobre todas as concepções theologicas e metaphysicas. Os tres factores da dynamica social são na realidade « manifestações do nosso sér psychologico, procurando satisfazer necessidades, subordinar os seus sentimentos, ou dar unanimidade ás suas idéas » (p. 307). Sendo solidarios, augmentam pelo concurso simultaneo a sua mutua intensidade. Escreve Theophilo Braga :

« Pela *Synthese activa*, chega-se á conclusão de que o homem produz mais do que consome; d'aqui as condições para exercer livremente as suas capacidades mentaes, que reagem na simplificação da pratica pela theoria.

« Pela *Synthese affectiva*, verifica-se que o homem multiplica a sua força e a sua intellectualidade pela associação; d'aqui o reconhecimento da sua dependencia da collectividade moral, e o estabelecimento voluntario da ordem.

« Pela *Synthese especulativa*, verifica-se que todos os progressos humanos provieram das idéas, ao passo que as sociedades dirigidas exclusivamente pela religião ou pela moral ficaram estacionarias » (p. 311).

Lamentando que a falta de espaço não nos permita acompanhar o distincto escriptor nas considerações comprovativas d'estas affirmações, não podemos comtudo deixar este capitulo sem notar que a reorganisação da *Synthese especulativa* tem por fim a convergencia mental ou a unidade do ponto de vista essencialmente humano, que ha de presidir á reorganisação da sociedade no seu estado normal. Diz a este respeito o auctor : « Como a

constituição positiva das seis sciencias abstractas consistira em um complicado processo de *especialisação crescente*, faltava tirar d'essa marcha dispersiva uma *unificação racional*, que é propriamente em que consiste o processo philosophico da *synthese subjectiva*, entrevista pelo genio de Comte » (p. 414). Essa *synthese subjectiva* ou especulativa substituirá no estado normal os *systemas theologicos e metaphysicos*, que têm por base a causalidade e a finalidade, completando a *synthese objectiva* e vencendo o negativismo sceptico e criticista, como se vê da excellente *Classificação dos systemas philosophicos* estabelecida por Theophilo Braga.¹

O capitulo v, consagrado à *unanimidade de doutrina*, intitula-se *Do advento da humanidade ao seu estado normal*, e abrange as materias comprehendidas nos capitulos II, III e IV dos TRAÇOS GERAES DE PHILOSOPHIA POSITIVA: *Comprovação psychologica da lei dos tres estados*, *Classificação dos conhecimentos humanos* e sua *Comprovação monistica*. N'estas paginas comprova o auctor de uma maneira irrefutavel as bases fundamentaes do Positivismo, cujo verdadeiro valor foi Augusto Comte o primeiro a distinguir e proclamar. Theophilo Braga acrescentou novos periodos e eliminou alguns dos antigos, porém em nada alterou as conclusões baseadas nas grandes e recentes descobertas thermo-dynamicas que se coordenaram systematicamente no Monismo. Define assim a *Philosophia*: « Uma *Synthese* do universo formada sobre todas as leis verificaveis da ordem cosmica, biologica e moral, tendente a fortificar a consciencia humana pela separação entre o desconhecido e o incognoscivel, e pelo accordo entre a objectividade e a subjectividade » (p. 437). Partindo d'esta concepção superior da *Philosophia*, apresenta uma *Classificação subjectiva dos conhecimentos humanos* inteiramente concorde com a *Classificação objectiva*. A ordem dos phenomenos *relacionados, condicionados, determinados e coordenados* corresponde á *Mathematica*, á *Astronomia*, *Physica* e *Chimica*, á *Biologia* e á *Sociologia*. Quando Theophilo Braga, pela primeira vez, estabeleceu as relações do Positivismo com o Monismo, accusaram-no entre nós de fazer uma aproximação absurda, aquelles cujo espirito acanhado não lhes deixa acompanhar a orientação da mentalidade humana. Hoje semelhante aproximação é corrente na Italia, como o affirma Antonino de Bella n'um bello artigo critico ácerca de *La Filosofia giuridica nelle università*,² dizendo que alli « o positivismo e o monismo quasi se podem confundir n'um mesmo systema. »

No ultimo capitulo, *Das previsões sociologicas*, trata o auctor da distincção estabelecida pela nova doutrina entre os factos negativos devidos á dissolução da Theocracia e os factos positivos que nos aproximam da constituição da Sociocracia, fórma definitiva para que tende a humanidade. A unanimidade da concepção scientifica reage sobre o individuo e sobre a sociedade, apressando o advento do estado normal, sobre o individuo pela constituição de uma Pedagogia, e sobre a sociedade pela fundação de uma Politica.

Antes de terminar não podemos passar em silencio um facto que em geral notamos nas obras de Theophilo Braga; quasi sempre, como se o seu nome não fosse já uma auctoridade, procura acobertar as suas idéas e conclusões scientificas com o nome de um ou mais homens de sciencia que por diferentes vias tenham attingido os mesmos resultados, porque elle bem sabe que nenhuma idéa, nenhuma conclusão, por mais original que pareça, é o producto de um cerebro isolado, mas sim a expressão espontanea de um phenomeno social bastante complexo.

TEIXEIRA BASTOS.

¹ Occupar-nos-hemos d'esta classificação no artigo prometido sob o titulo de *Evolucionismo e Positivismo*.

² *Rivista di Filosofia scientifica*, 3.º anno, n.º 6.